



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**JOSHENILDA OLIVEIRA DE SOUZA**

**LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA: MARCAS DA ORALIDADE NAS  
PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA**

**SUMÉ – PB**

**2013**

**JOSHENILDA OLIVEIRA DE SOUZA**

**LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA: MARCAS DA ORALIDADE NAS  
PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Sumé, como requisito parcial para para obtenção do grau de Licenciado , na área de Linguagens e Códigos, sob a orientação da**

**Orientadora: Professora Dra. Mônica Martins Negreiros.**

**SUMÉ – PB  
2013**

S7291 Souza, Joshenilda Oliveira de.

Língua falada e língua escrita : Marcas da oralidade nas produções textuais em sala de aula. / Joshenilda Oliveira de Souza. - Sumé - PB: [s.n], 2013.

98 f.

Orientadora: Professora Dra. Mônica Martins Negreiros.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Unidade Acadêmica de Educação do Campo; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Educação do Campo. 2. Língua Culta. 3. Oralidade. 4. Produção de textos. 5 Escrita. I. Título.

CDU: 37(043)


**JOSHENILDA OLIVEIRA DE SOUZA**

**LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA: MARCAS DA ORALIDADE NAS  
PRODUÇÕES TEXTUAIS EM SALA DE AULA**

**Data de aprovação 26/09/2013**

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mônica Martins Negreiros  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Ma. Nadege da Silva Dantas  
Examinador

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Ma. Marcelle Ventura Carvalho  
Examinador

**SUMÉ - PB**

***Dedico este trabalho à minha mãe Iracilda que lutou e acreditou em mim, sempre me dando o apoio necessário para que eu nunca baixasse a cabeça e seguisse em frente. Dedico também as duas pessoas que não estiveram presentes comigo materialmente, mas sim espiritualmente, minha avó Jovina Oliveira e meu sobrinho Anthony Rhuan.***

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu pai soberano, por ser a base principal da minha caminhada, por ter me dado grandes oportunidades e forças para superar cada dificuldade encontrada.

Agradeço carinhosamente à minha Professora Orientadora Mônica Martins Negreiros que, no decorrer do Curso, me ensinou e mostrou o papel de um verdadeiro professor. E, agora, com toda sua paciência e dedicação me orientou, sendo membro importante para o desenvolvimento do meu TCC.

Ao professor Suetonio Farias de Matias que me forneceu duas de suas turmas para que eu realizasse minhas pesquisas para construção deste trabalho, e que sempre se mostrou solícito.

A todos os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio (2013) da Escola Jornalista José Leal Ramos do município de São João do Cariri-PB, que se disponibilizaram a participar da pesquisa mostrando-se receptivos às minhas intervenções.

A toda equipe de professores que, no decorrer do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, contribuiu para aprofundar meus conhecimentos.

A toda equipe funcionária que me ajudou, sem nenhuma reserva e mostraram amizade, em especial a João Batista, Núbia, Fernando, Diego, Junior e Cleiton.

A toda minha família que me ajudou durante todo o decorrer do meu Curso.

Agradeço com todo amor e carinho a meus pais. Meu pai José da Paz e, principalmente, à minha mãe Iracilda Oliveira que me ensinou a ser a pessoa que sou hoje e sempre esteve ao meu lado, me ajudando quando encontrava alguma dificuldade e comemorando cada vitória minha.

A todos os meus tios Ivanilda Oliveira, Ivanethe Oliveira, Severino Bento, Maria Salomé, José Paulo e Lourdes Souza que, para mim, são mais que tios e sempre me deram forças e me auxiliaram.

Aos meus irmãos Joshecilda Oliveira, Joshecildo Oliveira e Ronaldo Adriano e ao meu cunhado Henrique Bezerra que sempre me ajudaram quando precisei, sem nenhuma objeção.

Às minhas joias raras, meus sobrinhos Byanca Gheovanna, Myguel Gheovanne, Danyel Gheovanne e Icaro Ryan, os quais foram a razão para que eu

renovasse as minhas forças, mesmo estando muito cansada em alguns momentos. Através deles obtive a inspiração para vencer.

A todos os meus primos que confiaram em mim e me deram forças.

Às minhas afilhadas Ana Carolina e Leticia Bezerra por se tornarem parte da minha família e pelo carinho que têm por mim.

A todos os meus amigos que antes de ingressar no curso já faziam parte da minha vida e a todos que conheci ao ingressar. São amizades que contribuíram muito para minha formação acadêmica e que fazem parte do meu dia a dia como irmãos. Ressalto Inácia Uênia, Maria da Guia, Aluizio Ferreira, Maria José, Jozilene Ferreira, Viviane Almeida, Marco Souza, Jarbas Oliveira, Mauricia Tatiele, Lucivânia, Helenilson Ferreira, Damião Lima e Everaldo Gonçalves.

À Sônia Ferreira e Alanny Karla que foram mais que amigas e me acolheram em casa sempre que precisei, tornando-se membros da minha família.

A toda equipe do PIBID/LECAMPO pelos trabalhos desenvolvidos em parceria, os quais foram fundamentais para minha formação acadêmica, me auxiliando na prática como educadora.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para minha formação acadêmica.

*Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.*  
(Paulo Freire)

*Ou escreves algo que valha a pena ler, ou fazes algo acerca do qual valha à pena escrever.*  
(Benjamim Franklin)



## RESUMO

Pretende-se através deste trabalho destacar marcas da oralidade presentes nas produções textuais de alunos do Ensino Fundamental e Médio em duas turmas (9º. e 3º. anos) respectivamente, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, situada no Município de São João do Cariri - PB. Mais particularmente, intenciona-se analisar essas marcas na produção de gêneros narrativos, considerando, de certo modo, que o gênero narrativo é um dos gêneros mais suscetíveis ao aparecimento de marcas da oralidade. Esse aspecto é decorrente de uma característica peculiar desse gênero, ou seja, a espontaneidade envolvida no ato de narrar sobre um fato ou acontecimento real ou imaginário, o que faz com que o aluno escreva de forma livre, solta, sem tanto rigor com relação às regras exigidas por outro tipo de gênero de texto ou por uma situação de comunicação específica. O mesmo ocorre em relação à escolha do vocabulário utilizado no gênero narrativo que acaba se aproximando mais das formas utilizadas na fala com abreviações de palavras, gírias, expressões populares, dentre outras características. Com isso, muitas vezes, há a tendência de se transferir características da fala para a expressão escrita de modo inconsciente ou, ainda, por falta de conhecimento acerca das diferenças entre as duas modalidades da língua, além, é óbvio, da forte influência que a fala exerce sobre a escrita. Sabe-se que a língua não segue um único padrão para todos os falantes, podendo variar dependendo da situação de comunicação em graus de formalidade que vão desde o coloquial ao culto. A língua culta e a língua coloquial podem ser definidas dependendo de vários fatores: sociais, econômicos, nível de escolaridade. Isso implica no fato de que um falante precisa dominar as duas modalidades da língua oral e escrita, bem como seus graus de formalidade ou informalidade, a fim de saber usá-las quando for necessário, no ambiente em que estiver inserido. É de grande importância o trabalho com a fala e a escrita nas escolas, pois é possível encontrar muitos alunos que não conhecem as variações linguísticas, e não sabem diferenciar as variedades da língua presentes tanto na fala como na escrita. As produções de textos sejam estes orais ou escritos e os exercícios de reescrita de textos auxiliam no que diz respeito ao treinamento da fala e da escrita dos alunos, fazendo com que eles saibam empregar cada modalidade, considerando suas particularidades e a situação de comunicação. Assim, espera-se não apenas fazer um levantamento das marcas da oralidade presentes nos textos produzidos pelos alunos inseridos no âmbito da pesquisa, mas também mostrar as diferenças entre a fala e a escrita em seus usos formal (culto) ou informal (coloquial) e ainda as características do gênero narrativo, objeto de investigação das referidas marcas da oralidade.

**Palavras-chave:** Fala. Oralidade. Escrita. Coloquial. Culta. Narração .Produção de Textos.

## RESUMEN

Se pretende a través de este trabajo resaltar marcas de la oralidad presentes en las producciones textuales de alumnos de la Enseñanza Fundamental y Media en dos grupos (9º y 3º años) respectivamente de la Escuela Estadual de la Enseñanza Fundamental y Media Periodista José Leal Ramos, ubicada en la ciudad São João do Cariri- PB. Especialmente, se intenta hacer análisis de esas marcas en la producción de géneros narrativos, se considera, de cierto modo, que el género narrativo es uno de los géneros más susceptibles al apareamiento de marcas de la oralidad. Ese aspecto se deriva de una característica propia de ese género, o sea, la espontaneidad involucrada en el acto de narrar sobre un hecho o acontecimiento real o imaginario, lo que hace con que el alumno escriba de forma libre, suelta, sin tanto rigor respecto a las reglas exigidas por otro tipo de género de texto o por una situación de comunicación específica. Lo mismo ocurre respecto a la elección del vocabulario utilizado en el género narrativo que se acerca más de las formas utilizadas en el habla con abreviaturas de palabras, jergas, expresiones populares, entre otras características. Con ello, muchas veces, existe la tendencia de transferir características del habla para la expresión escrita de modo inconsciente o todavía por falta de conocimiento acerca de las diferencias entre los dos modelos de lengua, además, es obvio, la gran influencia que el habla ejerce sobre la escritura. Se sabe que la lengua no sigue un único patrón para todos los hablantes, que puede cambiar de acuerdo con la situación de comunicación en grados de formalidad que van desde el coloquial al culto. La lengua culta y la lengua coloquial pueden definirse bajo algunos factores: sociales, económicos, nivel de escolaridad. Ello implica en el hecho de que un hablante necesita dominar las dos modalidades de lengua oral y escrita, así como sus grados de formalidad o informalidad, a fin de saber usarlas cuando sea necesario, en el ambiente que esté inserido. Es de gran importancia el trabajo con el habla y la escritura en las escuelas, pues es posible encontrar muchos alumnos que no conocen las variedades lingüísticas, y no saben diferenciar las variantes de la lengua presentes tanto en el habla como en la escritura. Las producciones de textos sean estos orales o escritos y los ejercicios de reescribirlos ayudan en cuanto al entrenamiento del habla y de la escritura de los alumnos, lo que les permite a los alumnos saber usar cada modalidad, teniendo en cuenta sus particularidades y la situación de comunicación. Así, se espera no solamente hacer un levantamiento de las marcas de la oralidad presentes en los textos producidos por los alumnos inseridos en el ámbito de la investigación, pero también mostrar las diferencias entre el habla y la escritura en sus usos formal (culto) o informal (coloquial) y aún las características del género narrativo, objeto de investigación de las referidas marcas de la oralidad.

**Palabras claves:** Habla, Oralidad, Escritura, Coloquial, Culta, Narración, Producción de Textos

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FOTO 01</b> – Visão externa da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos .....	25
<b>GRÁFICO 01</b> – Composição de gênero dos alunos do 9º ano .....	29
<b>GRÁFICO 02</b> – Composição de gênero dos alunos do 3º ano .....	29
<b>GRÁFICO 03</b> – Faixa etária dos alunos do 9º ano .....	30
<b>GRÁFICO 04</b> – Faixa etária dos alunos do 3º ano .....	31
<b>GRÁFICO 05</b> – Alunos do 9º Ano – Indicativo da frequência de realização das atividades de produções textuais em sala de aula .....	32
<b>GRÁFICO 06</b> – Alunos do 3º Ano – Indicativo da frequência de realização das atividades de produções textuais em sala de aula .....	32
<b>GRÁFICO 07</b> – Disciplinas que abordam a produção textual – 9º ano .....	33
<b>GRÁFICO 08</b> – Disciplinas que abordam a produção textual - 3º ano .....	34
<b>QUADRO 01</b> – Características da fala e da escrita, segundo Koch (2012) .....	19

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA</b> .....	12
2.1 Características da Fala.....	12
2.2 Características da Escrita .....	14
2.3 Relações e Diferenças entre Fala e Escrita.....	16
2.4 Língua Culta e Língua Coloquial .....	19
<b>3 A PRODUÇÃO DE GÊNEROS NARRATIVOS NO CONTEXTO ESCOLAR E OS INSTRUMENTOS DA PESQUISA</b> .....	22
3.1 O Gênero Narrativo e suas Características.....	22
3.2 O Trabalho com os Gêneros Narrativos no Contexto Escolar .....	23
3.2.1 Instrumentos da Pesquisa: Observações em sala de aula .....	26
3.2.1.1 Aplicação de Questionários .....	27
3.2.1.2 Produção Textual .....	28
<b>4 ANÁLISE DE MARCAS DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO</b> .....	39
4.1 Produções Textuais dos Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental .....	40
4.2 Produções Textuais dos Alunos do 3º Ano do Ensino Médio .....	44
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52
<b>APÊNDICE A – Fotos</b> .....	53
<b>APÊNDICE B – Questionário do Professor</b> .....	57
<b>APÊNDICE C – Questionário dos Alunos do 9º Ano</b> .....	59
<b>APÊNDICE D – Questionário dos Alunos do 3º Ano</b> .....	70
<b>ANEXO A – Produções Textuais dos alunos do 9º Ano</b> .....	81
<b>ANEXO B – Produções Textuais dos alunos do 3º Ano</b> .....	90

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade analisar a presença das marcas da oralidade em produções textuais, procurando entender como ocorre a transferência de marcas da fala para o processo de escrita. Para tanto, apresentaremos características e semelhanças existentes entre as duas modalidades da língua, ou seja, entre a fala e a escrita, e, ainda, estabeleceremos diferenças entre a norma padrão da língua portuguesa e a linguagem coloquial.

A pesquisa será desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, localizada no Alto do Cruzeiro, no município de São João do Cariri-PB, abrangendo uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental e uma turma do 3º ano do Ensino Médio. O que me levou a escolher o tema foi a identificação que encontrei no decorrer do curso Licenciatura em Educação do Campo com a área da linguística, o modo como a língua e a escrita variam. Desenvolvi minhas pesquisas na escola e turmas citadas acima, pois, já fazia parte da escola como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). O objetivo principal foi demonstrar como os alunos das turmas citadas acima tendem a transferir elementos da fala para a modalidade escrita, deixando em seus textos marcas específicas da língua oral. Para isso, procederemos a observações em sala de aula, a fim de investigarmos como é conduzido o trabalho com a produção de textos, além disso, foram utilizados questionários e proposição de atividades que envolvam a produção de gêneros narrativos. Em seguida, coletaremos o material para investigação e análise das marcas da oralidade nas produções textuais dos alunos.

A aplicação de questionários contribuiu para conhecermos o perfil das turmas, desde dados pessoais até os conhecimentos que os alunos detêm acerca da produção de gêneros narrativos, e as dificuldades por eles apresentadas no desenvolvimento destas atividades. Esse levantamento foi efetuado nas duas turmas do 9º. ano do Ensino Fundamental e do 3º. ano do Ensino Médio.

Considerarmos o processo de transferência de elementos da oralidade para a escrita, como uma característica natural do ser humano, uma vez que, em muitas situações, o usuário da língua apresenta o hábito de escrever do mesmo modo como fala, sem a percepção clara desse fato. Com isso, será necessária a realização de estudos para proceder a uma investigação de como a fala afeta a escrita. Essa transferência pode ser proveniente da falta de conhecimento em relação às diferenças entre as duas modalidades da língua ou ainda ser justificada pelo pouco domínio da modalidade escrita e ausência de atividades de escrita.

Convém ressaltar a importância do trabalho com a escrita no contexto escolar e a implicação existente entre os diferentes domínios da língua oral e escrita em suas modalidades coloquial e culta. É necessário promover um trabalho constante que envolva atividades de escrita na escola, possibilitando aos alunos adquirirem a proficiência desta habilidade. A reescrita de textos produzidos pelos próprios alunos e a etapa de revisão vista como parte integrante do processo de escrita devem ganhar espaço nas aulas de Língua Portuguesa.

Analizamos ainda a relação e o êxito no ensino/aprendizagem de língua portuguesa de forma que a produção de textos venha a influenciar na melhoria da oralidade, não discriminando o modo de falar de cada um e despertando para os usos sociais das diferentes modalidades da língua falada e escrita.

Para a construção deste trabalho, dividiu-se a pesquisa em quatro momentos. No primeiro momento foram realizadas as observações em sala de aula com as turmas escolhidas e citadas acima. No segundo momento, foi aplicado um questionário direcionado aos alunos e um questionário direcionado ao professor regente das duas turmas, com o propósito de coletar informações sobre o tema proposto. No terceiro momento foi realizada com os alunos do 9º ano e 3º ano uma produção textual a partir de diferentes temas, enfocando o gênero narrativo. No quarto momento foi realizada a análise das marcas da oralidade nas produções textuais feitas pelos alunos.

## 2 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

### 2.1 CARACTERÍSTICAS DA FALA

A fala é uma das modalidades da língua e pode ser diversificada por cada indivíduo, pois cada falante utiliza elementos dos quais necessitam para se expressar. Pode-se dizer que a fala surge naturalmente quando a criança, no convívio familiar, começa a falar, desse modo a fala também é individual.

De acordo com Fávero (2007):

Parece consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino de língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua. (FÁVERO, 2007, p. 10).

Nesse caso, a criança não passa a dominar a fala quando chega à escola, ela passa por um processo de organização da sua língua materna e um dos papéis da escola referente à fala é mostrar a variedade que existe na língua e que pode ser representada na fala.

Desde a infância, começamos a utilizar a fala de acordo com o meio em que vivemos, ou seja, o ambiente familiar é o local do nosso desenvolvimento. Mas alguns teóricos acreditam no empirismo, eles veem as crianças como uma “tábula rasa” e o primeiro contato da criança na escola é o primeiro contato com a língua materna. Neste sentido, Bagno (2002), afirma que:

[...] a escola habitualmente considera que a língua falada não somente pela criança, mas também pela sociedade circundante que lhe serviu de modelo lingüístico natural, é inaceitável e deveria ser rejeitada. Ela empreende então um esforço de desenraizamento que só pode ter êxito (imperfeito, aliás) junto a uma minoria de criança. Tal tentativa corre o risco de conduzir ou à alienação social do indivíduo, ou a uma rejeição maior ou menor e mais ou menos explícita da escola por parte das crianças e particularmente dos adolescentes. (BAGNO, 2002, p. 200).

No âmbito escolar, o primeiro modelo encontrado pela criança para iniciação da língua falada é considerado errado, esse modelo é moldado no ambiente em que a criança convive antes de chegar à escola. Então, considera-se equivocadamente que a criança começa o aprendizado da fala quando passa a frequentar a escola.

Muitas vezes passamos a pensar em como se desenvolveu a nossa oralidade. Será que aprendemos a falar com o professor em sala de aula? Ou será que aprendemos a falar em casa,

no ambiente familiar, e depois vamos aprimorando nossa fala na sociedade em que estamos inseridos?

Segundo Fávero (2007,p.12), a fala surge quando as crianças começam a falar no ambiente familiar, antes mesmo de ter o primeiro contato com a escola, ou seja, a fala antecede a escrita, mas a mesma pode ser reestruturada após o contato da criança com a escrita.

Neste sentido, Kato (2009) caracteriza a fala e a escrita da seguinte forma:

A fala é a fala pré-letramento; a escrita<sup>1</sup> é aquela que pretende representar a fala da forma mais natural possível; a escrita<sup>2</sup> é a escrita que se torna quase autônoma da fala, através de convenções rígidas; a fala<sup>2</sup> é aquela que resulta do letramento. (KATO, 2009, p.11-12).

Reproduzimos a escrita a partir da fala, então estruturamos a escrita para reproduzirmos a fala de forma mais estruturada, ou seja, começamos a falar através de palavras soltas e passamos a reproduzir a fala na escrita, depois, ao treinarmos a escrita, respectivamente, começamos a organizar a fala.

A criança já chega à escola com a proficiência da fala, cada uma com suas peculiaridades ligadas ao ambiente, lugar de nascimento, classe social, dentre outros aspectos, por isso pode-se afirmar que a fala é individual.

Começamos a desenvolver a fala em casa com a família, é nesse ambiente que começamos a falar nossas primeiras palavras, de início, estas palavras são pouco entendidas, conforme o tempo vai passando vamos aperfeiçoando a fala. É possível considerar que começamos a ampliar a nossa competência oral quando ingressamos na escola, já que entramos em contato com as variedades linguísticas, com a norma padrão da língua, com a escrita e a leitura. Nesta perspectiva, Fávero (2007) estabelece considerações sobre a relação da aprendizagem da fala na escola:

Quanto à escola, não se trata obviamente de “ensinar a fala”, mas de mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, dando-lhes a consciência de que a língua não é homogênea, monolítica, trabalhando com eles os diferentes níveis (do mais coloquial ao mais formal) das duas modalidades – escrita e falada -, isto é, procurando torná-los “políglotas dentro de sua própria língua”. (FÁVERO, 2007, p. 12).

A escola, nesse caso, tem a função de ensinar as variações que ocorrem em nossa língua, mostrando os diferentes níveis da fala e as variações que a fala pode sofrer em



diferentes regiões ou, de acordo com a faixa etária, ou até mesmo, nos níveis socioeconômico e cultural, variando também conforme o grau de escolaridade do falante.

Embora haja diferenças na organização da oralidade e da escrita, Antunes (2003) destaca as relações que ambas têm, mostrando que tanto a oralidade como a escrita servem de interação verbal em diferentes formas de gêneros textuais. Em relação à fala a autora salienta que “(...) não tem sentido a ideia de uma fala apenas como lugar de espontaneidade, do relaxamento, da falta de planejamento e até do descuido em relação às normas da língua-padrão (...)” (ANTUNES, 2003 p.99)

Em suma, a oralidade e a escrita estão sujeitas a variações, podem ser bem planejadas ou não terem muito rigor, podendo ser, ainda, formal ou informal, seguindo ou não as formas da norma padrão.

## 2.2 CARACTERÍSTICAS DA ESCRITA

A escrita, na maioria das vezes, passa a ser utilizada por um indivíduo quando ele começa a ter contato com a escola, como no caso das crianças que, quando chegam à escola, já trazem de casa a fala como meio de comunicação, mas não têm contato com a escrita, e seus primeiros escritos, de acordo com Cagliari (2008), definem-se da seguinte maneira:

Mas, com relação à escrita, o que vemos é a imposição de um modelo, sem qualquer possibilidade, especial ou temporal, para a experimentação, tentativas e descobertas de cada criança, que se limitam, como tarefa a fazer cópias de vários traçados, num verdadeiro exercício de treinamento manual. (p.100)

No entanto, o que se percebe no início da aprendizagem da criança, os rabiscos, os traços são representações da escrita, a criança representa um objeto, um animal ou qualquer outra coisa através de traços e nomeia cada rabisco que faz. Nesse caso, a aquisição da escrita ocorre pela tentativa de representação do que está em seu meio. Assim, a criança pode representar seu nome de diversas maneiras e, é extremamente importante que o professor valorize este momento, mostrando que existem diversas formas de representação da realidade da escrita.

Conforme a criança vai sendo instruída na escola, ela começa a aprimorar a escrita, saindo dos rabiscos e passando a conhecer as letras, mas, para essa aprendizagem, não é necessário o uso das regras da gramática.

Nesse mesmo contexto, Cagliari (2008) afirma que:

Para começar a escrever, as crianças não precisam estudar a Gramática, pois já dominam a língua portuguesa na sua modalidade oral. A dificuldade está simplesmente no fato de as crianças não conhecerem a forma ortográfica das palavras após seus primeiros contatos com o alfabeto. (GAGLIARI, 2008, p.122).

Não se deve ensinar a escrever utilizando a gramática, pois não há necessidade, a princípio, da aprendizagem de regras gramaticais para o domínio da escrita, ou seja, para se aprender a escrever corretamente, fazendo uso da ortografia correta.

Para o processo de escrita, Antunes (2005) destaca diversas concepções que caracterizam a atividade de escrever:

- “Escrever, na perspectiva da interação, só pode ser uma *atividade cooperativa*.”
  - “Escrever, a outros e de forma interativa, é, pois, uma *atividade contextualizada*.” (
  - “Escrever é uma *atividade tematicamente orientada*.”
  - “Escrever é uma *atividade intencionalmente definida*.”
  - “Escrever é uma *atividade que se manifesta em gêneros particulares de textos*.”
- (ANTUNES, 2005, p.29-34).

A partir das características que Antunes (2005) pode-se dizer que, para se escrever é necessário saber para quem se direciona a escrita, ou seja, quem é o leitor, qual a situação, o meio em que a escrita irá circular. E, ainda, saber que não existe um único estilo de escrita, ela se modifica de acordo com o gênero.

Em relação à língua escrita, a organização da comunicação exige mais disciplina e rigidez, uma vez que o leitor não está na presença do escritor para tirar dúvidas. Nesse caso, na escrita, são necessários mecanismos como a coesão e a coerência, dentre outros aspectos envolvidos no processo de escrita. Para isso, o escritor tem que planejar o que vai escrever, pensando em diferentes tipos de leitores e deixando pistas para a construção de possíveis significados e sentidos.

Antunes (2003) destaca que:

A visão interacionista da escrita supõe ainda que existe o outro, o tu, com quem dividimos o momento da escrita. Embora o sujeito com quem interagimos pela escrita não esteja presente à circunstância da produção do texto, é inegável que tal sujeito existe [...]. Quem escreve, na verdade escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. (ANTUNES, 2003, p. 46).

O papel do leitor é fundamental, pois é através dele que há o reconhecimento da obra do escritor. Existem diferentes funções para a escrita, por isso ela pode variar, essa variação pode ocorrer dependendo de sua função, de seu receptor, da situação de uso da língua. Através da escrita podem ser produzidos bilhetes, cartas, receitas, bulas, textos formais e informais, entre outros gêneros. Assim: “[...] a produção de textos escritos toma formas diferentes, conforme as diferentes funções que pretende cumprir.” (ANTUNES, 2003, p. 49). Os textos podem, então, variar em diversos gêneros, existindo uma estrutura específica para cada um.

### 2.3 RELAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA

A fala e a escrita são sistemas linguísticos diferentes, mas que têm o mesmo objetivo, porque veiculam a comunicação, ambas são dialógicas, dinâmicas e interativas. A língua falada pode ser considerada mais fácil em relação à escrita de acordo com a sua organização.

Entre a fala e escrita podemos encontrar algumas relações, assim como também algumas diferenças. Para abordar o processo de iniciação da fala e da escrita Kato (2009) mostra que:

[...] a fala e a escrita são parcialmente isomórficas, mas que, na fase inicial, é a escrita que tenta representar a fala – o que faz de forma parcial – e, posteriormente, é a fala que procura simular a escrita, conseguindo-o parcialmente. (KATO, 2009, p. 11).

Nesse caso, pode-se dizer que a fala antecede a escrita e torna-se o ponto inicial para esta modalidade. Em seguida, a fala vai tentando simular a escrita de forma parcial, evidenciando, nesta perspectiva, relações entre ambas.

Muitas vezes, a fala é vista pela escola como algo já adquirido pela criança no ambiente familiar, não necessitando mais trabalhá-la, prioriza-se, então, a escrita, acreditando que, talvez, aos poucos, a criança possa ir aperfeiçoando a fala.

A esse respeito afirma Castilho (1998):

[...] não se acredita mais que a função da escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, a pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão sobre a língua que falamos, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo se descobriria a importância da língua falada, mesmo para a aquisição da língua escrita. (CASTILHO, 1998, p.13).

Por mais que a criança aprenda a falar as primeiras palavras, isso não quer dizer que o processo de aquisição da fala tenha sido concluído. A escola precisa criar espaço para o trabalho com a oralidade da criança, estimulando a fala, a fim de que a criança possa aumentar seu conhecimento sobre a língua, seu vocabulário, e o manejo com os elementos estruturais, semânticos e sintáticos da língua, dentre outros. Esse processo incidirá, favoravelmente, sobre a aquisição da língua escrita, ou seja, o trabalho com a fala e a escrita é simultâneo e se complementa no processo de ensino-aprendizagem da língua. Dessa forma, para se aperfeiçoar a escrita, é necessário que seja trabalhada a fala, sendo papel da escola mostrar que existem variações na fala e que essas variações podem vir a interferir na escrita.

Kato (2009) observa que há diferenças entre a fala e a escrita que podem ser trazidas através da produção e do uso da linguagem. Essa diferença é causada por variações sociais e psicológicas, pelo grau de letramento, entre outros fatores.

Tanto a fala quanto a escrita têm suas estruturas, sejam elas iguais ou diferentes, mas há momentos em que uma depende da outra. Neste sentido, Antunes (2005) mostra que:

A escrita também guarda dependências em relação à própria fala. Falando, ouvindo, lendo ou escrevendo, os sujeitos realizam uma atividade de interação verbal. Com muitos pontos em comum e algumas diferenças também, salvando-se naturalmente a idéia de que cada uma dessas atividades supõe a participação efetiva dos sujeitos envolvidos. (ANTUNES, 2005, p.36).

Percebemos até agora que existem relações e diferenças entre a fala e a escrita. A seguir, veremos separadamente algumas relações e algumas diferenças apresentadas pelas duas modalidades da língua:

A escrita e a fala podem relacionar-se, pois ambas são meios de interação, ou seja, através da fala e da escrita podemos nos comunicar, podemos interagir com outra(s) pessoa(s).

Escrever é, como falar, uma *atividade de interação*, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não está procurando *agir com outro*, trocar com alguém alguma informação, alguma idéia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto. Não tem sentido o vazio de uma escrita sem destinatário, sem alguém do outro lado da linha, sem uma interação particular. (ANTUNES, 2005, p.28).

Tanto a escrita como a fala, exigem a presença de um interlocutor, demandam destinatários, receptores; só existirá o diálogo entre duas ou mais pessoas, se houver interação, troca, respostas e perguntas de ambos os lados. Do mesmo modo, acontece com a escrita, é necessário que haja o leitor ou leitores e, para isso, o autor, ao escrever necessita levar em consideração o seu público, adequando sua linguagem, deixando pistas para a

construção da interpretação do texto, sendo fiel ao tema, mantendo a coerência e a coesão ao longo do texto, dentre outros aspectos envolvidos no processo de escrita.

Muitos estudos trazem ressalvas a respeito de que a escrita depende da fala, que é a partir da fala que se produz a escrita, mas também é possível afirmar que é através da escrita que podemos treinar nossa fala. Cagliari (2009, p.98) destaca que: “[...] a escrita tem como objetivo a leitura. A leitura tem como objetivo a fala.” Ou seja, uma depende da outra. Nesta concepção o autor mostra que há uma ligação entre a escrita, a leitura e a fala, e cada uma contribui com a outra.

Sobre a estruturação da fala e da escrita, Antunes (2005) mostra que:

Tal como falar, escrever é *uma atividade necessariamente textual*. Ninguém fala ou escreve por meio de palavras ou de frases justapostas aleatoriamente, desconectadas, soltas sem unidade. O que vale dizer: só nos comunicamos através de textos. Sejam eles orais ou escritos. Sejam eles grandes, médios ou pequenos. Tenham muitas, poucas ou uma palavra apenas. Assim, a competência comunicativa, aquela que nos distingue como seres verbalmente atuantes, inclui necessariamente a competência para formular e entender textos orais e escritos. (ANTUNES, 2005, p.30).

É certo afirmar que tanto a fala como a escrita precisam ser planejadas para que haja clareza, não se pode estabelecer comunicação com uma pessoa através de palavras soltas, aleatórias, pois, dessa forma, não haverá clareza no diálogo para o ouvinte, da mesma maneira ocorre com a escrita, é necessário que se tenha coesão e coerência para que se possa entender o que está escrito.

Após a exposição das relações entre a fala e a escrita, veremos algumas diferenças que existem entre ambas.

A primeira diferença que Kato (2009, p.12) aponta é: “Obviamente a primeira diferença que um leigo apontaria na comparação entre a fala e a escrita seria quanto à natureza do estímulo: auditivo para a fala e visual para a escrita.” Pode-se dizer, então, que a fala é compreendida através da audição e a escrita é compreendida através da visão.

Outra diferença importante destacada por Kato (2009) é:

[...] na fala têm-se uma situação cara a cara, com “reação” imediata por parte do ouvinte; já a escrita é um ato solitário em que o escritor tem ainda que se preocupar com o seu virtual leitor. Há ainda o problema do intervalo temporal: na escrita, diz-se algo agora para ser entendido muito depois; na fala vai-se planejando à medida que se fala. (KATO, 2009, p.26).

A fala pode ser considerada um meio de comunicação mais fácil, prático, pois nesse meio sempre está presente o falante e o ouvinte e, caso ocorra algum mal entendido no

diálogo, é possível que a fala seja organizada até que haja entendimento. Já na escrita, o leitor na maioria dos casos não está ao lado do escritor, não poderá jamais requisitar esclarecimentos sobre o texto, por isso torna-se necessário que o escritor seja claro, adequando a linguagem ao público que deseja conquistar e atingir, além disso, deve primar pelos mecanismos de coerência e coesão textuais, dentre outros aspectos envolvidos no processo de escrita.

Koch (2012, p.16) estabelece algumas características entre a fala e a escrita:

**QUADRO 01** – Características da fala e da escrita, segundo Koch (2012)

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Predominância do <i>modus</i> pragmático	Predominância do <i>modus</i> sintático
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

A partir dessas características entre a fala e a escrita apresentadas por Koch (2012) podemos, de certo modo, entender por que há considerações a respeito de que a fala seria “mais fácil” do que a escrita, pois, a fala é mais espontânea, em muitos casos, não precisa ser planejada. Mas isso não quer dizer que o texto falado seja desestruturado, pelo contrário, este tem sua própria estruturação e pode variar de acordo com o ambiente em que for necessário o seu uso. Trataremos sobre esse aspecto no tópico a seguir.

## 2.4 LÍNGUA CULTA E LÍNGUA COLOQUIAL

A língua falada e a língua escrita podem apresentar características em seus usos, podendo seguir certo grau de formalidade ou informalidade, variando de acordo com a

situação de comunicação, dependendo do ambiente em que forem usadas, ou seja, podemos nos comunicar através da língua culta ou da língua coloquial. Utilizamos a língua culta em momentos formais, já a língua coloquial é utilizada em momentos informais, isso não quer dizer que o falante deva se apropriar apenas de uma modalidade, ele pode dominar as duas, mas saber qual o momento de usar cada uma.

A norma culta segue prescrições impostas pela gramática, entretanto, a gramática não reflete o uso efetivo da língua, a evolução e a criação de novas palavras.

De acordo com Alaminos & Gerchunoff (1995):

O nível culto é utilizado em ocasiões formais pelas pessoas que conhecem bem o código lingüístico, pois é uma linguagem mais obediente às normas gramaticais. O nível culto a língua-padrão, também chamada norma culta ou norma-padrão. (ALAMINOS; GERCHUNOFF, p.102).

A aquisição da norma padrão da língua portuguesa requer uma aprendizagem contínua, um exercício constante que só o uso em situações efetivas de comunicação poderá proporcionar. Ainda que desde pequenos já tenhamos adquirido a língua materna, no nosso caso, a língua portuguesa que aprendemos no convívio social, no meio familiar, a modalidade utilizada é a forma coloquial. Na língua coloquial nossa preocupação é apenas transmitir ideias para outros, não importa se as palavras estão organizadas de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, o que importa é estabelecer a comunicação de forma eficaz.

O falante deve adequar-se ao ambiente em que está inserido, muitas vezes é necessário o uso da língua na modalidade culta, como expressar-se em uma palestra, em uma entrevista, uma conferência, em uma audiência, dentre outras situações comunicativas. Mas a norma culta pode ser dispensada em diálogos de amigos, no ambiente familiar, em lugares que não exijam a formalidade.

Conforme Silva:

O que se depreende do exposto é o fato de que o falante, inserido no seu tempo e no seu espaço, é instado a ampliar consideravelmente o seu inventário vernacular para dar conta do seu entorno e do seu estar-no-mundo, sob pena de, se assim não fizer, ser exilado dos jogos de convivência que têm, na palavra, o seu penhor e a sua fonte. (SILVA, 2007, p. 143).

O ambiente em que o indivíduo se encontra é muito importante para que ele saiba como adequar sua fala, pois, da mesma forma que um juiz em uma audiência pode não vir a entender o que o falante, fazendo uso da modalidade coloquial da língua tem a dizer, pessoas

de pouca formação podem também, em alguns momentos, não entender o que um falante da língua culta quer transmitir. Sobre o nível coloquial, Alaminos & Gerchunoff (1995,p.102) afirmam que: “O nível coloquial ou popular é utilizado na conversação diária, em situações informais, descontraídas.”

Dessa forma, a adequação a cada situação de uso efetivo da língua (formal ou informal), seja ela representada pela fala ou pela escrita será sempre necessária.



### 3 A PRODUÇÃO DE GÊNEROS NARRATIVOS NO CONTEXTO ESCOLAR E A TRANSFERÊNCIA DE MARCAS DA ORALIDADE

#### 3.1 O GÊNERO NARRATIVO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O gênero narrativo é utilizado no dia a dia das pessoas, seja na escola, entre amigos ou no ambiente familiar. Uma pessoa pode narrar uma determinada história utilizando a fala ou a escrita.

Uma característica importante deste gênero é a existência de espontaneidade por parte do narrador, seja na escrita ou na fala.

De acordo com Alaminos & Gerchunoff (1995):

Narrar é relatar fatos e acontecimentos vistos, ouvidos, lidos ou imaginados, em um momento e local determinados. Todos os dias acontecem situações interessantes, divertidas ou desagradáveis, que podemos relatar aos nossos amigos ou à família. Assim fazemos uma narração. Podemos, às vezes, narrar por escrito. (ALAMINOS; GERCHUNOFF, 1995, p. 100).

A narração pode ser classificada como ficcional ou não-ficcional, ou seja, pode ser feita de fatos reais (acontecimento na cidade, matéria em jornal) e imaginários (contos de fada). Sendo assim, uma pessoa pode narrar algo que viu ou ouviu falar, assim como também pode criar uma história imaginária e criar uma história a partir de um fato real. A narrativa apresenta algumas características básicas como, por exemplo, situações, personagens, tempos, entre outras.

Com relação às características da narrativa se trata de

[...] é um conjunto de transformação de situações referentes a personagens determinadas, mesmo que sejam coletivas (por exemplo, o povo brasileiro), ou a coisas particulares, num tempo preciso e num espaço bem configurado [...] como a narração opera com personagens, situações, tempos e espaços bem determinados, trabalha predominantemente com termos concretos, sendo, portanto, um texto figurativo. (SA VIOLI, FIORIN, p.230).

As personagens de uma narrativa podem ser coletivas, podendo o gênero ser narrado com várias personagens sendo tratadas individualmente, por exemplo: “Ao chegarem na diretoria os estudantes ‘A e B’ sentaram-se e o estudante ‘C’ começou com a palavra”, como também com um grupo de personagem sem que seja preciso especificar e, nesse caso, pode-se referir-se a um grupo de estudantes, sem ser necessário individualizar cada um, por exemplo:

“Ao chegar na diretoria o grupo de estudantes sentou e começou com a palavra”. O personagem também pode ser individual, referindo-se a uma determinada pessoa.

Alaminos & Gerchunoff (1995) destacam uma característica importante para a narração que diz respeito aos tempos verbais:

A narração situa as coisas no tempo; o importante é o que acontece. As palavras que predominam na narrativa são os verbos que expressam ação e os pronomes pessoais. Os tempos verbais mais frequentes são pretérito perfeito e o mais-que-perfeito; também pode aparecer o **presente histórico**, que, atualizando os fatos, tem valor de passado. (ALAMINOS; GERCHUNOFF, 1995, p.100).

Ao narrar é necessário que o narrador preste atenção aos detalhes das personagens, de tempo e, assim como nas demais produções textuais, desenvolva um conflito e em seguida a solução do conflito.

Uma das características desse gênero narrativo é que o narrador ao narrar pode contar sua própria história ou a história de outra pessoa, esse aspecto está relacionado ao foco narrativo, o qual, por sua vez, baseia-se no papel do narrador no corpo do texto, podendo ser em primeira pessoa ou em terceira pessoa. O narrador em terceira pessoa pode ser onisciente ou observador.

De acordo com Alaminos & Gerchunoff (1995), o narrador em primeira pessoa é aquele que incorpora a história, podendo contar sua história ou a de outra pessoa. O narrador em terceira pessoa é aquele que conta a história de outra pessoa e não faz parte do corpo do texto, ainda na narração em terceira pessoa podemos encontrar o narrador onisciente, que é aquele que conhece tudo sobre seus personagens e o narrador observador que não conta os detalhes sobre a personagem, deixa que o leitor vá descobrindo aos poucos.

### 3.2 O TRABALHO COM OS GÊNEROS NARRATIVOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Na produção textual para que haja coerência e interpretação por parte do leitor é necessário que o escritor procure se expressar com eficácia, deixando pistas para a construção dos sentidos do texto. Isso requer do produtor de texto um maior planejamento na escrita, encadeamento lógico das ideias, clareza e objetividade no desenvolvimento do texto e fidelidade ao tema proposto, dentre outros mecanismos textuais envolvidos no processo da escrita.

Mussalim (2001) define a produção textual das seguintes formas:

- A produção textual é uma *atividade verbal*, isto é, os falantes, ao produzirem um texto, estão praticando ações da fala [...].
- A produção textual é uma *atividade verbal consciente*, isto é, trata-se de uma atividade intencional, por meio da qual o falante dará a entender seus propósitos (...).
- A produção textual é uma atividade interacional, ou seja, os interlocutores estão obrigatoriamente, e de diversas maneiras, envolvidos nos processos de construção e compreensão de um texto [...]. (MUSSALIM, 2001, p.255).

Assim, a autora mostra a relação que existe entre a oralidade e a produção textual, destacando que a fala e a escrita não podem ficar separadas, pois, muitas vezes, escrevemos o que falamos e desta forma projetamos marcas da oralidade nas produções textuais. Fávero (2007, p.13) considera que: “[...] O ensino de oralidade não pode ser visto isoladamente, isto é, sem relação com a escrita, pois elas mantêm entre si relações mútuas e intercambiáveis.”

As marcas da oralidade em produções textuais ocorrem quando escrevemos um texto e começamos a utilizar palavras que utilizamos na fala, dando impressão ao leitor de que estamos conversando com ele. Às vezes, ao nos expressarmos através da fala, “cortamos” as palavras em pedaços, “engolimos” fonemas, ou abreviamos a fim de facilitar o processo de comunicação. Dependendo da situação, a comunicação será efetuada como, por exemplo, no diálogo, já na escrita nem sempre será possível a compreensão. E não se pode esquecer que as duas modalidades da língua (a fala e a escrita) apresentam diferenças que devem ser levadas em consideração no processo de comunicação.

Convém ressaltar que o trabalho com o gênero narrativo em sala de aula possibilita a percepção do uso de elementos da fala, ou seja, a transferência de elementos da fala para a escrita. Essa transferência ocorre pela própria característica do gênero que é relatar, contar de forma oral ou por escrito fatos, acontecimentos imaginários ou reais. Outro fator que contribui para uso de elementos da fala na produção de gêneros narrativos é a espontaneidade, característica específica desse gênero, que faz com que o narrador seja levado a escrever do mesmo modo que fala.

Com isso, considera-se que as marcas da oralidade sejam mais comumente registradas no gênero narrativo, o que não implica dizer que não apareçam em outros gêneros. É possível encontrar marcas da oralidade em artigos científicos, ensaio, *paper*, até mesmo em dissertações, mas a tendência maior de uso de elementos da fala é evidenciada no gênero narrativo.

A fim de observar a presença de marcas da oralidade em produções textuais, mais especificamente em gêneros narrativos produzidos em sala de aula, realizamos uma pesquisa de campo por meio de observações em sala de aula, aplicação de questionário envolvendo a participação de alunos e de professores e realização de atividades de produção textual com

alunos do 9º. ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos está localizada no município de São João do Cariri - PB. A referida escola funciona no período da manhã e da tarde ofertando o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, ou seja, do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Através de dados coletados pela escola constatou-se que grande parte do alunado é do campo, por isso é designada como uma escola do campo.

**Foto 1** – Visão externa da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos



**Créditos:** Jozilene Ferreira

Selecionamos como parte integrante da pesquisa a turma do 9º. ano do Ensino Fundamental e a turma do 3º. ano do Ensino Médio por serem turmas concluintes de cada ciclo e também pelo fato de podermos estabelecer comparações entre esses ciclos, identificando a recorrência das marcas da oralidade nas produções textuais dos alunos. O trabalho com produções textuais de diferentes gêneros e, especialmente, o gênero narrativo nas turmas em que realizamos as pesquisas será relatado, adiante, nas observações e na análise dos questionários respondidos pelo professor e pelo aluno.

### 3.2.1 Instrumentos da Pesquisa: Observações em sala de aula

Por meio de observações semanais em duas turmas parceiras da pesquisa (9º. ano do Ensino Fundamental e 3º. ano do Ensino Médio) durante as aulas de Língua Portuguesa foi possível observar o desempenho dos alunos ao produzirem textos. O professor trabalhava também com diferentes gêneros textuais, além do gênero narrativo.

Durante essas observações percebemos que uma das maiores dificuldades dos alunos era registrar por meio da escrita as ideias, os fatos, os pensamentos, considerando ser mais fácil falar, narrar oralmente.

Através das observações realizadas percebemos que é frequente o trabalho com produções textuais, principalmente na turma do 3º ano. Na turma do 9º ano a produção textual é trabalhada a cada três semanas, já na turma do 3º ano a produção textual é trabalhada semanalmente. Convém salientar que o professor regente era o mesmo nas duas turmas observadas e que as produções textuais eram diversificadas, contemplando diferentes gêneros como: dissertação, argumentação, artigo, entre outros.

No início das observações nas turmas, o professor já havia trabalhado o gênero narrativo, explanado suas características, os conceitos, e entre as produções solicitadas aos alunos, às vezes, o gênero era a narração. Mesmo assim, para a realização da produção textual com o gênero narrativo foi realizada anteriormente uma breve explicação sobre o gênero, como forma de revisão.

Observamos que em aulas anteriores o professor explicava o gênero a ser trabalhado e, no dia da produção, fazia uma pequena revisão sobre as características desse gênero.

O trabalho do professor ocorria da seguinte maneira: eram trazidos temas que estavam sendo vivenciados no dia a dia, e, na maioria das vezes, o professor trazia uma pesquisa sobre esses temas, depois, fazia leituras desses textos, preparando os alunos para a produção daquele gênero específico. Nessas atividades executávamos o trabalho em conjunto, auxiliando e tirando as dúvidas dos alunos acerca das características do gênero em estudo. Após esse trabalho com os alunos, na semana seguinte, era feito um simulado de redação, o professor trazia um texto que tratava sobre um novo tema e entregava a cada aluno. Os alunos liam e, em seguida, a partir do gênero textual proposto produziam seus textos individualmente e entregavam ao professor que os corrigia em casa. Após receber as produções corrigidas, os alunos liam e, quando necessário, tiravam suas dúvidas. Sempre que o professor percebia que

os resultados das produções não eram positivos, ele fazia a reescritura dos textos com os alunos, possibilitando o trabalho com a revisão de textos, etapa final do processo de escrita.

Na turma do 3º ano sempre eram trabalhados gêneros que são mais utilizados no ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), pois é uma forma de ir preparando o aluno para a redação exigida nesse tipo de concurso.

É bastante interessante o modo como o professor trabalhava a produção textual, pois ele explicava o gênero, fazia um treinamento com os alunos para, em seguida, realizar a produção textual, dando sequência à correção e ao esclarecimento de dúvidas etc. Percebemos ainda que o trabalho era recorrente, permitindo que os alunos treinassem as habilidades requeridas pelo gênero em estudo.

### 3.2.1.1 Aplicação de Questionários

A partir da percepção de algumas dificuldades demonstradas pelos alunos no processo de produção textual, independentemente do gênero proposto, decidimos aplicar um questionário para os alunos e um para o professor regente das turmas acompanhadas.

Os questionários foram aplicados nas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, no município de São João do Cariri-PB.

O questionário destinado ao aluno teve como propósito investigar quais as maiores dificuldades encontradas pelos alunos nas atividades de produção textual, principalmente, as que envolviam o gênero narrativo, possibilitando analisar como era conduzido o processo de ensino-aprendizagem da escrita. O questionário destinado ao professor procurou verificar a frequência de atividades envolvendo o trabalho com a produção textual, como esse trabalho era conduzido e, ainda, como era realizada a avaliação dessas produções. Intencionou-se também observar se havia espaço para a revisão, correção, reescrita de textos, como era a interação entre professor-aluno, aluno-professor, dentre outros aspectos.

O trabalho nas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio foi também produtivo, pois são duas turmas concluintes. Os questionários trabalhados nas duas turmas continham 10 questões para os alunos em ambas as turmas e 08 questões para o professor. Foram utilizadas questões fechadas, abertas e semiabertas e, nas turmas, foram

trabalhadas as mesmas questões com o propósito de comparar se havia ou não algumas semelhanças entre as respostas dos alunos.

Como o professor regente era o mesmo nas duas turmas apenas um questionário foi respondido. Por meio das perguntas objetivamos diagnosticar como o professor conduzia o trabalho com as produções textuais em sala de aula. Mediante as respostas, além da observação direta das aulas constatamos que o professor reservava sempre um espaço para a produção textual, sendo contínuo esse trabalho. O professor alegava que os alunos vinham se desenvolvendo satisfatoriamente e, dentre as maiores dificuldades apresentadas por eles estavam os “desvios” de ortografia e a falta de embasamento em séries anteriores.

Para amenizar os problemas enfrentados pelos alunos acerca das produções textuais, o professor afirmou que procurava reduzir as deficiências dos alunos através de apresentação de textos como exemplos, leituras, discussões, produções e reescritas de textos.

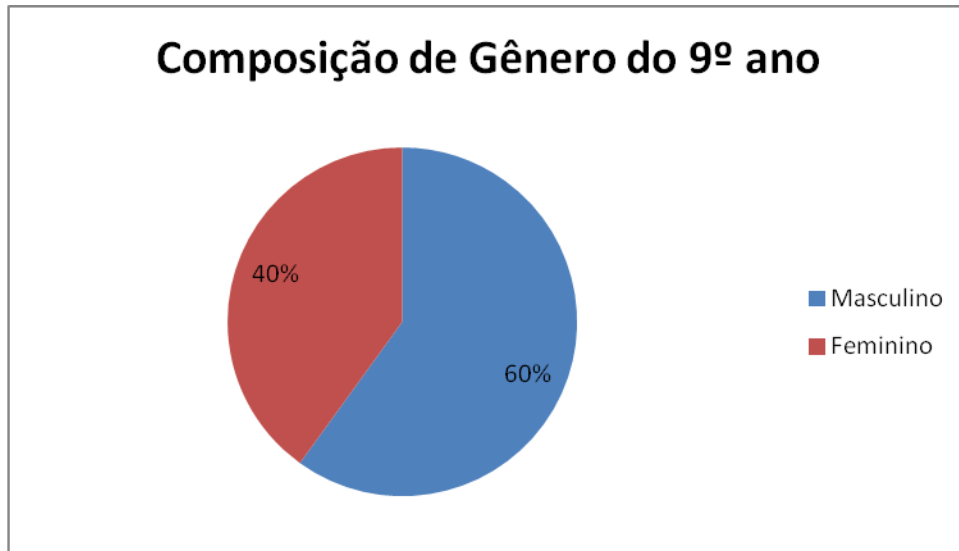
Em relação ao trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, o professor relatou no questionário que costumava trabalhar a crônica no Ensino Fundamental e textos argumentativos no Ensino Médio. De modo geral, foi possível observar que os gêneros trabalhados em sala de aula eram: a crônica, o conto, artigo de opinião, carta argumentativa e textos de opinião, em geral.

O objetivo primordial do trabalho de análise das produções textuais dos alunos, em particular o gênero narrativo, foi investigar o aparecimento de marcas da oralidade nesses textos em função da própria especificidade do gênero. Sobre este aspecto, em resposta ao questionário, o professor disse que “[...] a marca da oralidade é bem marcante nas produções textuais, principalmente nas séries do fundamental, com a percepção da forte presença da Internet.”.

Parte-se, nesta etapa, para a análise do questionário atribuído aos alunos para levantamento de dados acerca da composição de gêneros das turmas, a faixa etária e a experiência em relação à produção de textos, objetivando realizar um perfil dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio.

O gráfico 01, refere-se à composição de gênero dos alunos do 9º ano. Depois de feita a análise observamos que 60% da turma são alunos do sexo masculino e 40% da turma são alunos do sexo feminino. Desta forma, percebe-se que predomina na composição da turma o gênero masculino.

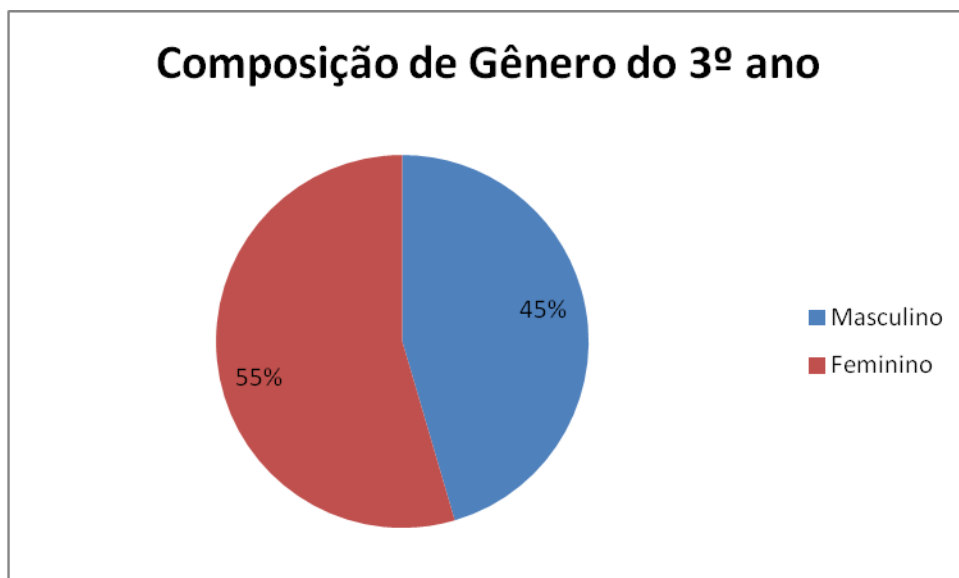
## Gráfico 01



**Fonte:** Pesquisa de Campo

O gráfico 02, refere-se à composição de gênero dos alunos do 3º ano, depois de feita a análise observamos que 45% da turma são alunos do sexo masculino e 55% da turma são alunos do sexo feminino. Desta forma, percebe-se o predomínio do gênero feminino.

## Gráfico 02



**Fonte:** Pesquisa de Campo

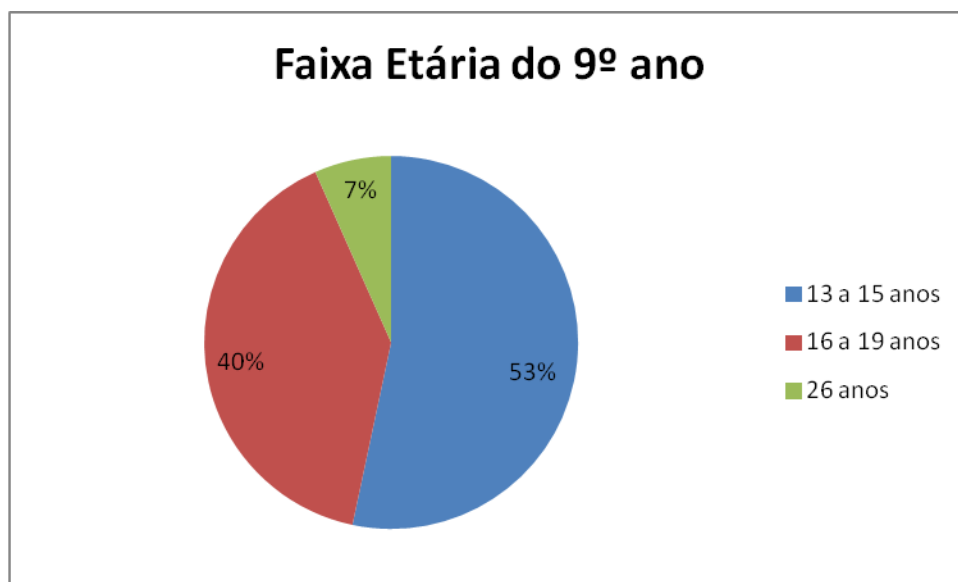
Fazendo uma análise comparativa da composição dos gêneros dos alunos do 9º ano e do 3º ano percebe-se que não há uma diferença significativa entre os dois gêneros, apenas



predominando no 9º ano o gênero masculino, enquanto que no 3º ano é o gênero feminino que tem maior incidência. A análise acerca do número de alunos do sexo feminino e masculino justifica-se a título de contextualização e de representação do corpo discente da escola, mostrando como é composta as turmas integrantes da pesquisa em relação ao gênero.

O gráfico 03, refere-se à faixa etária dos alunos do 9º ano, cujo objetivo é diagnosticar se os alunos estão na faixa etária prevista para concluir o Ensino Fundamental }II. Nesta direção, após a análise observamos que 53% da turma estão entre a faixa etária de 13 a 15 anos, 40% estão fora da faixa etária que varia entre 16 a 19 anos, 7% estão muito acima da faixa etária de 26 anos. Percebe-se, então, que quase 50% da turma estão fora da faixa etária para a conclusão do Ensino Fundamental II.

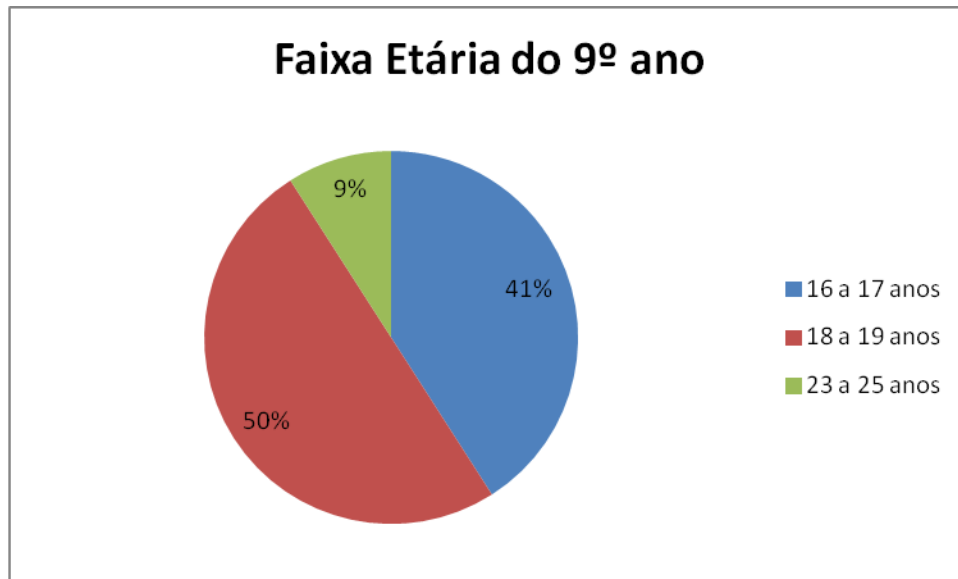
**Gráfico 03**



**Fonte: Pesquisa de Campo**

O gráfico 04, refere-se à faixa etária dos alunos do 3º ano, cujo objetivo é diagnosticar se os alunos estão na faixa etária prevista para concluir o Ensino Médio. Depois de realizada a análise, observamos que 41% da turma estão entre a faixa etária de 16 a 17 anos, 50% estão fora da faixa etária que varia entre 18 e 19 anos, 9% estão muito acima da faixa etária entre 23 a 25 anos. Percebe-se, com isso, que mais de 50% da turma estão fora da faixa etária para a conclusão do Ensino Médio.

## Gráfico 04



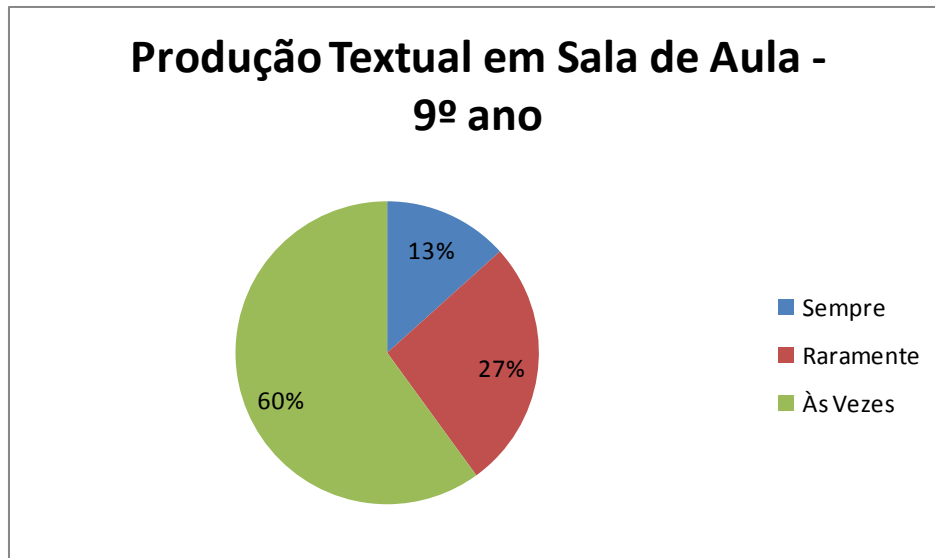
**Fonte:** Pesquisa de Campo

Comparando a turma do 9º ano do Ensino Fundamental com a turma do 3º ano do Ensino Médio é possível perceber que em ambas as turmas há uma quantidade significativa de alunos acima da faixa etária adequada a cada ciclo. Um dado que chama bastante atenção é que existem alunos no 9º ano com a faixa etária igual ou superior a de alguns alunos da turma do 3º ano do Ensino Médio.

A exposição e análise dos gráficos relativos à faixa etária têm como objetivo maior a caracterização do corpo discente, da mesma forma que a análise acerca dos gêneros efetuada mais acima.

Ao questionar os alunos sobre a frequência de atividades ligadas à produção de textos em sala de aula, foram ofertadas as seguintes opções de respostas: “Sempre”, “Raramente” e “Às Vezes”.

O gráfico 05, refere-se à frequência da realização de atividades ligadas à produção de textos em sala de aula. Em relação aos alunos do 9º ano percebemos que 13% assinalaram a opção “Sempre”, 27% dos alunos marcaram a alternativa “Raramente” e 60% dos alunos indicaram “Às vezes” como resposta ao item. Esses dados referem-se às produções textuais feitas em todas as disciplinas.

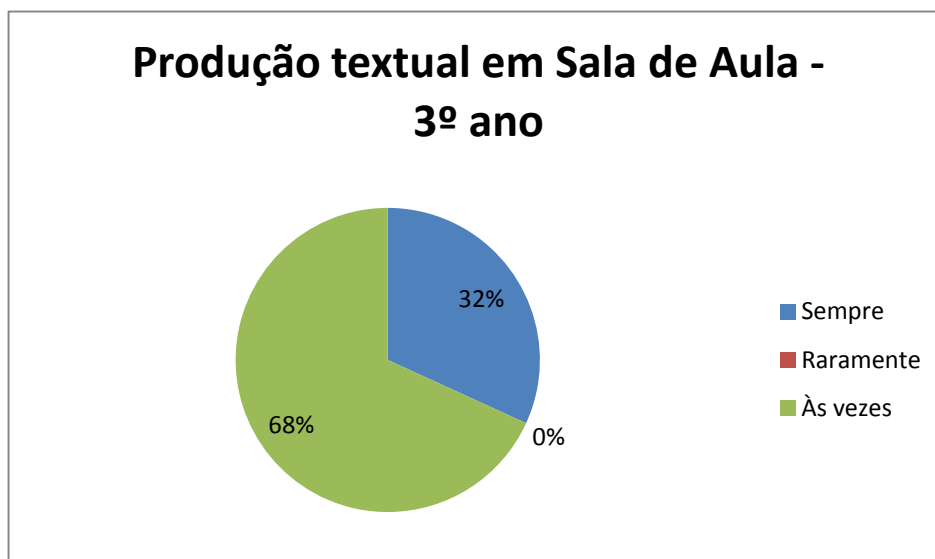
**Gráfico 05**

**Fonte:** Pesquisa de Campo

O gráfico 06, refere-se à frequência da realização de atividades ligadas à produção de textos em sala de aula. Em relação aos alunos do 3º ano percebemos que 32% dos alunos assinalaram a opção “Sempre”, 0% dos alunos optou pela alternativa “Raramente” e 68% dos alunos indicaram “Às vezes” como resposta à pergunta. Esses dados referem-se às produções textuais feitas em todas as disciplinas.

**Gráfico 06**

**Alunos do 3º ano - Indicativo da frequência de realização das atividades de produções textuais em sala de aula**

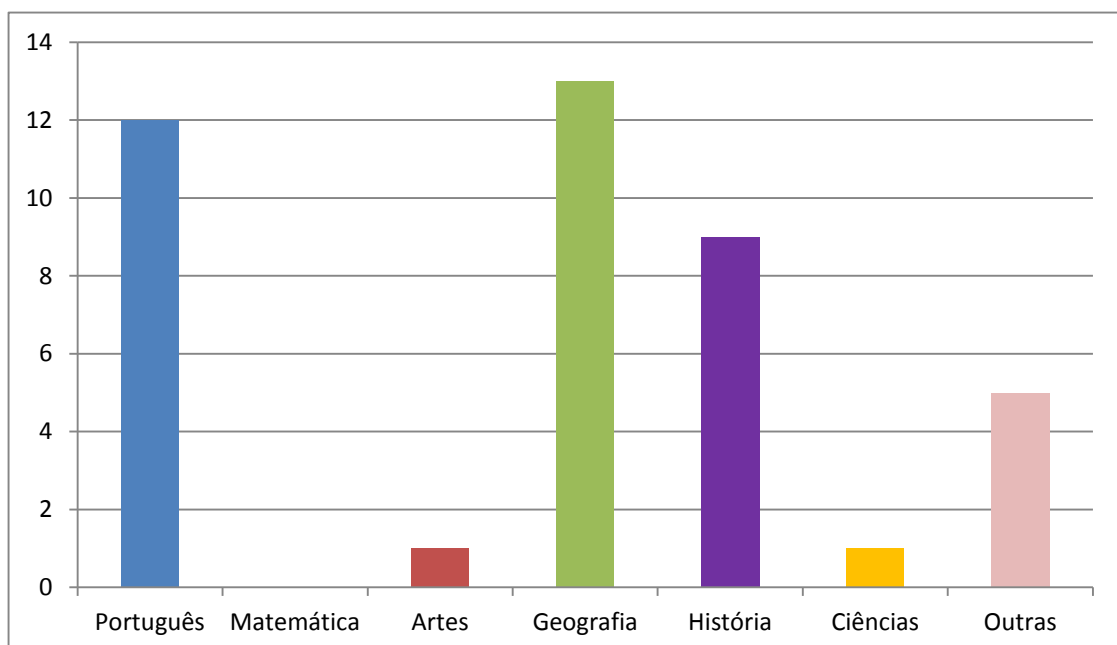


**Fonte:** Pesquisa de Campo

Comparando-se a turma do 9º ano com a turma do 3º ano em relação à frequência de realização das atividades de produções textuais em sala de aula, observa-se que há semelhanças, pois, em ambas, a maioria dos alunos escolheu a opção “Às vezes” como o indicativo de frequência de realização dessas atividades no que diz respeito a todas as disciplinas. Nota-se, ainda, que as turmas diferenciam-se nas demais opções.

Os resultados em relação à frequência das atividades de produção textual em sala de aula, salientando que são em todas as disciplinas, ajudam a mostrar como a ausência dessas atividades ou a baixa incidência contribuem para aumentar as dificuldades dos alunos no manejo com a escrita, e na formação de habilidades linguísticas requisitadas por esse processo. Sabe-se que o espaço reservado para as atividades de produção textual ainda é insuficiente nas escolas, uma vez que a maior parte do tempo é ocupada com lições de gramática normativa, em detrimento da leitura e da escrita. O gráfico 07, refere-se às disciplinas que trabalham com a produção de textos em sala de aula, no 9º ano. Após a análise, percebemos que 12 alunos afirmaram que produziam textos em português, nenhum disse que produzia em matemática, 01 disse que produzia textos em artes, 13 disseram que produziam em geografia, 09 disseram que realizavam esta atividade em história, 01 disse que produzia textos em ciências e 05 disseram que produziam textos em outras disciplinas. Nesse caso, a disciplina na qual os alunos declararam haver um maior índice de atividades de produção de textos foi geografia.

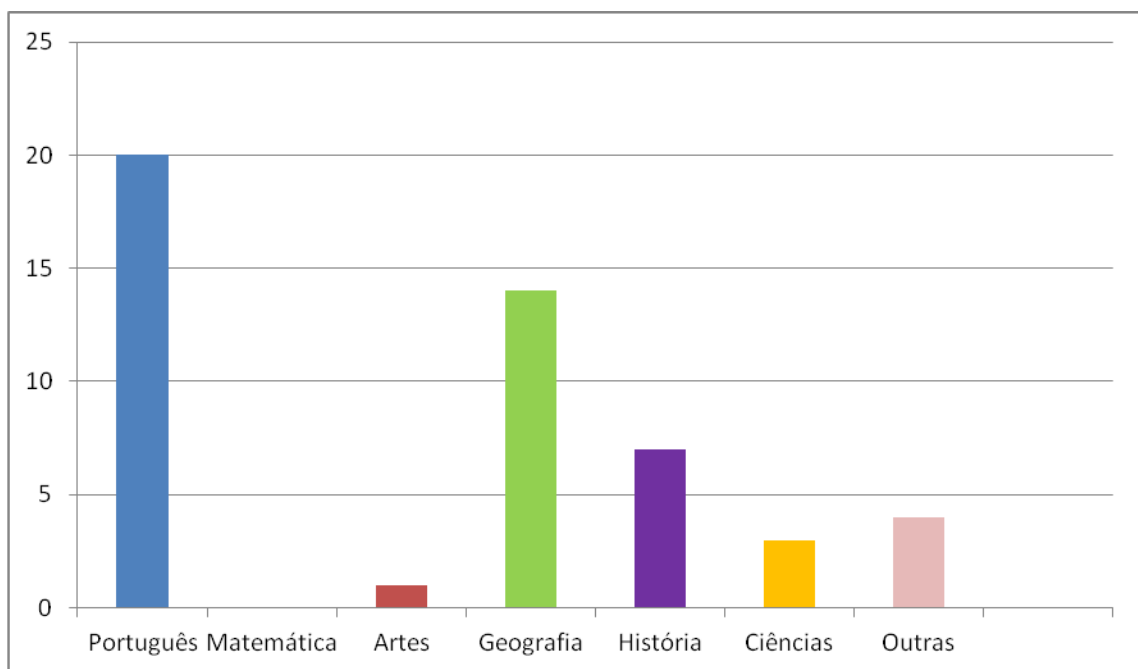
**Gráfico 07 – Disciplinas que abordam a produção textual – 9º ano**



**Fonte:** Pesquisa de Campo

O gráfico 08, refere-se ao trabalho com a produção de textos nas disciplinas do 3º ano. A análise das respostas fornecidas pelos alunos permitiu a observação dos seguintes resultados: 20 alunos informaram que produziam textos em português, nenhum disse que produzia em matemática, 01 disse que produzia em artes, 14 disseram que produziam textos em geografia, 07 disseram que realizavam esta atividade em história, 03 disseram que produziam textos em ciências e 04 disseram que produziam em outras disciplinas. Os indicativos das respostas permitiram concluir que a disciplina na qual os alunos declararam maior incidência de atividades de produção de textos foi língua portuguesa.

**Gráfico 08 – Disciplinas que abordam a produção textual – 3º ano**



**Fonte:** Pesquisa de Campo

Nos gráficos 07 e 08 aparecem dados sobre as disciplinas que abordam a produção textual em sala de aula. Tanto no 9º ano como no 3º ano as disciplinas que mais se destacaram foram português e geografia, predominando, no 9º ano, a disciplina geografia no que concerne à realização de atividades de produção textual, em detrimento de língua portuguesa e das demais. Já no 3º ano aconteceu o contrário: a disciplina que teve maior destaque em relação à abordagem da produção textual foi língua portuguesa, seguida por geografia. Há dados semelhantes nas duas turmas, um deles é a disciplina de artes com índice baixo de realização de atividades de produção textual e outro é a disciplina de matemática que aponta para o que

já era esperado, ou seja, ambas as turmas os alunos informaram que não costumavam fazer produções textuais. Embora dentre as características desta disciplina deveria ser incluído o trabalho com a interpretação e formulação de problemas, a fim de promover o desenvolvimento do raciocínio lógico.

Os dados apresentados acima traduzem um pouco o perfil dos alunos das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II e 3º ano do Ensino Médio, turmas nas quais foi realizada a pesquisa de campo, assim como também mostram o trabalho dos alunos com produções textuais.

Outras questões relevantes e que auxiliaram na análise das produções textuais realizadas pelos alunos - (ver capítulo 3) - foram as seguintes: “O que é um texto narrativo?”, “Em relação à fala e à escrita, qual a modalidade que os alunos consideram mais fácil ou preferem ao narrar uma história?” e “Quais as dificuldades que os alunos encontram para produzir um texto?”.

Para a questão “O que é um texto narrativo?”, as respostas dos alunos tanto do 9º ano quanto do 3º ano foram bastante parecidas, na maioria das respostas os alunos disseram que texto narrativo “é narrar uma história”. Referente a esse tema, destacamos as respostas de dois alunos do 9º ano e de dois alunos do 3º ano:

Aluno A – 9º ano – “que conta uma história fictícia ou real, uma pessoa focando fato por fato ocorrido na história, narrando a história.”

Aluno B – 9º ano – “Pra mim, texto narrativo é quando uma pessoa narra uma história, mas nem sempre quem narra participa da história.”

Aluno C – 3º ano – “Um texto onde o escritor tem um papel de narrar a história que já aconteceu ou está acontecendo e o narrador pode ter ou não ter participado do conto.”

Aluno D – 3º ano – “significa narrar os fatos acontecidos tanto seja fato real ou não, mas também o narrador pode ser personagem da história, o narrador explica a história e conta todos os acontecimentos.”

Essas foram as respostas que mais se aproximaram das características do gênero narrativo, assim como também foram as que mais se destacaram diante das respostas dos demais alunos em termos de semelhanças em seus conteúdos: “narrar é contar histórias de fatos ou acontecimentos reais ou imaginários, sejam estes fatos vividos, ouvidos ou imaginados pelo narrador<sup>1</sup>.”

---

<sup>1</sup> Adaptações de trechos a partir do depoimento dos alunos.

Em relação às respostas para a questão “Das modalidades: fala e escrita, qual a que os alunos achavam mais fácil para ser usada com a finalidade de narrar uma história?” observou-se o seguinte quadro: na turma do 9º ano, a maioria dos alunos disse que preferia narrar uma história utilizando a forma escrita, afirmando que na escrita era mais fácil pensar; outros porque não gostavam de falar. Ainda no 9º ano, os que disseram que preferiam fazer uso da fala pra narrar uma história, justificaram suas respostas dizendo que preferiam a fala, porque escrever era cansativo, e na fala se expressavam melhor, sendo possível explicar o que não foi entendido. No 3º ano, a maioria dos alunos disse que preferia narrar uma história através da fala; muitos disseram que preferiam a fala, porque não gostavam de escrever; alguns porque encontravam menos dificuldade; e outros ainda porque gostavam de falar e achavam mais simples. Já os que responderam que preferiam a escrita, justificaram suas respostas dizendo que na escrita se expressavam melhor e usavam mais criatividade. Diante desse quadro, destacamos quatro respostas atribuídas por alunos de cada turma, sendo duas referentes à fala e duas referentes à escrita. Convém informar que as respostas elencadas abaixo estão transcritas de acordo com a forma utilizada no preenchimento do questionário, ou seja, respeitando-se a grafia de cada aluno:

Aluno A – 9º Ano – “A fala, porque eu gosto de discutir e escutar.”

Aluno B – 9º Ano – “Fala, porque a pessoa esclarece melhor a história ou de se expressar.”

Aluno C – 9º Ano – “Através da escrita, porque a pessoa tem mais tempo de lembrar e pensar com paciência.”(Grafia do aluno)

Aluno D – 9º ano – “Através da escrita, porque você pode ler quando quiser.”

Aluno E – 3º ano – “A fala, pela fala se expressar é mais fácil e não tem tantas regras pra se seguir.”

Aluno F – 3º ano – “A fala, porque entendo melhor, tenho dificuldades de interpretar um texto.”

Aluno G – 3º ano – “A escrita, pois tenho mais tempo para pensar e reler o que está escrito.”

Aluno H – 3º ano – “A escrita, pois posso pensar melhor, saber o que colocar, podendo consertar erros e etc.”

As respostas dos alunos possibilitaram a percepção das dificuldades encontradas na produção de textos, mostrando ainda que há uma divisão acerca da escolha da modalidade utilizada. Alguns preferem narrar através da fala, já que a fala é um meio de comunicação que favorece o contato direto do falante com o ouvinte e, com isso, qualquer dúvida que houver poderá ser esclarecida na mesma hora, assim como mostra o “Aluno E” alegando que na fala não tem tantas regras a serem seguidas. Outros alunos preferem a escrita para narrar uma

história com a justificativa de que podem pensar melhor, assim como também reler e consertar o que está escrito.

Para a questão “Quais as dificuldades que os alunos encontravam para produzir um texto?” as respostas dos alunos do 9º ano e do 3º ano indicaram que estas dificuldades estariam relacionadas à gramática. Apenas um aluno do 3º ano respondeu que não encontrava nenhuma dificuldade para produzir um texto. Abaixo, faremos a exposição de uma lista, elencando as dificuldades mais comuns encontradas, de acordo com cada turma.

Alunos do 9º ano:

- Escrita e acentuação;
- Repetição de palavras ou frases;
- Caligrafia;
- Falta de criatividade;
- Regras da gramática.

Alunos do 3º ano:

- Seguir regras textuais;
- Falta de conhecimento sobre o assunto;
- Falta de ideias;
- Falta de conhecimento das regras da gramática;
- Conclusão;
- Dificuldades na escrita.

As respostas levantadas a partir do questionário, tanto as abertas quanto as fechadas, auxiliaram no trabalho de realização das produções textuais, já que o foco dessa pesquisa era fazer a intervenção junto a esse trabalho com a finalidade de investigação, coleta e análise desse material. Nesta perspectiva, foi possível fazer uma reflexão sobre os temas, a maneira de conduzir o processo de produção em relação à caracterização do gênero, considerando o conhecimento que os alunos já detinham sobre o gênero, as dificuldades, dentre outros aspectos. Com isso, as atividades realizadas puderam ser previamente preparadas e aplicadas com mais sucesso.



### 3.2.1.2 Produção Textual

A produção textual foi realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, localizado no município de São João do Cariri - PB.

O objetivo da realização das atividades de produção textual enfocando o gênero narrativo era encontrar marcas da oralidade nas produções dos alunos, observando quais os elementos linguísticos mais recorrentes no processo de transferência das marcas da fala para a escrita. Para isso, foi utilizado o gênero narrativo que tem como uma de suas características a espontaneidade, levando os alunos a se expressarem livremente para contar fatos do dia a dia, criando, assim, uma história.

Foi realizada com os alunos das duas turmas uma produção textual que teve como foco o gênero narrativo. Foram sugeridos três temas: “Em uma tarde de domingo”, “Enquanto eu era criança” e, “Histórias que minha avó contava”. Dentre esses temas os alunos decidiriam o que achavam melhor e, em seguida, produziram o texto. Primeiramente, foi feita uma reflexão sobre o gênero narrativo, a caracterização do gênero, depois, foram sugeridos os temas relacionados acima para que os alunos escolhessem aquele com o qual mais se identificavam e, assim, pudessem contar um fato real ou imaginário, produzindo um texto narrativo.

No próximo capítulo mostraremos a análise feita a partir das produções textuais dos alunos das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio, verificando a presença de marcas da oralidade nos textos escritos.

#### **4 ANÁLISE DE MARCAS DA ORALIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

As marcas da oralidade ainda são muito presentes nas produções textuais, os alunos ainda tendem a se expressar na escrita conforme se expressam na fala.

De acordo com Koch (2012):

Na fase inicial de aquisição da escrita, a criança transpõe para o texto escrito os procedimentos que está habituada a usar em sua fala. Isto é, continua a empregar em suas produções os recursos próprios da língua falada. Somente com o tempo e com a intervenção contínua e paciente do professor é que vai construir seu modelo de texto escrito. (KOCH, 2012, p.18).

Deste modo, pode-se dizer que a transposição dos elementos da fala para a escrita por parte das crianças na fase inicial da aprendizagem dessa modalidade, é um processo considerado normal. Será necessária, portanto, a intervenção do professor para que a criança consiga separar a fala da escrita enquanto modalidades diferentes da língua, podendo desenvolver o seu próprio estilo de escrita.

As marcas da fala na escrita são encontradas não só em produções textuais das crianças, essas marcas podem ser encontradas em produções de alunos em estágio mais avançado em termos de escolaridade e de faixa etária (adolescentes e adultos). Com isso, através de análises feitas a partir da coleta de produções textuais produzidas pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio foi possível notar as frequentes marcas da oralidade na escrita. As produções realizadas pelos alunos das referidas turmas foram produções de gêneros narrativos. Esse gênero já havia sido trabalhado pelo professor regente da turma, entretanto, antes da produção que resultou em material de análise para a pesquisa foi realizada uma revisão sobre o gênero, suas características e exemplificação.

A partir das produções dos alunos realizamos, então, a análise das marcas da oralidade, e notamos que essas marcas são muito frequentes tanto nas produções dos alunos do 9º ano quanto nas produções dos alunos do 3º ano.

A seguir, serão apresentados os textos produzidos pelos alunos e a análise das marcas da oralidade detectadas nestes textos. Vale salientar que os textos apresentados abaixo foram digitados respeitando-se a grafia dos alunos e estarão disponíveis nos Anexos do Trabalho.

A apresentação seguirá uma sequência, iniciando pelos textos dos alunos do 9º ano e, em seguida, os textos dos alunos do 3º ano, as marcas da oralidade serão destacadas em negrito.

#### 4.1 PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

- ALUNO A

Tema: “Enquanto eu era criança”

“Quando **eu** era criança eu gostava muito de andar de bicicleta, brincar de bola, bolinha de gude imitar os personagens de desenho animado gostava de brincar de luta com os meninos da escola quase sempre eles **pra** chorar, **eu** era muito brincalhão **eu** gostava de mecher nas coisas assistir televisão o dia todo, **eu** nunca gostei de estudar **eu** so queria brincar e **curtir** a vida **eu** era um moleque muito ruim **eu** brigava apanhava, chorava e bagunçava muito na escola.”

Na produção do aluno “A” foram encontradas marcas da oralidade como: repetições da palavra “eu”, essas repetições geralmente são utilizadas quando estamos nos comunicando por meio da fala no intuito de dar sequência aos fatos narrados; gírias como a palavra “curtir”; abreviações da palavra *para* resultando em “pra”. Na escrita, deve-se evitar esse tipo de abreviação, o uso de gírias, dependendo do grau de formalidade do texto, bem como a repetição de palavras.

- ALUNO B

Tema: “História que meu avô contava”

“Em plena manhã que eu estava sem fazer nada, fui até o quarto do meu avô, quando sentei na cama comecei a perguntar o que ele gostava de fazer quando jovem? E ele simplesmente respondeu que na infância dele é totalmente diferente de hoje em dia, naquela época ele não tinha tempo para brincar pois ele trabalhava muito e não era fácil, era trabalho de roçado que pegava em **inxada** e plantava e colhia alimentos.

Um certo dia ele decidiu **servi** ao exercito participou da 2ª guerra mundial, ele conta que passou muita fome e sede, mais mesmo assim enfrentou, **se passava por morto** enquanto era tiro **pra** lá e tiro **pra** cá.”

Na produção do aluno “B” foi encontrado um desvio na escrita que é proveniente da pronúncia, ou seja, o aluno escreveu a palavra “inxada” ao invés de enxada, influenciado pela oralidade. Outra marca é o apagamento do “r” no final da palavra, o aluno utilizou a palavra “servi” ao invés de “servir”. Também foi encontrada a abreviação da palavra *para* substituída

por “pra”. O aluno utilizou ainda a expressão “se passava por morto” que é uma expressão mais utilizada na fala, seria mais comum utilizar na escrita a expressão “se fingia de morto”.

- ALUNO C

Tema: “Enquanto eu era criança”

“Quando eu era pequena eu gostava muito de **brinca** de boneca de comindinha **joga** bola com as meninas da minha rua. hoje eu mora no sitio a mais de oito ano eu gosto de **brinca** com os amigos com os colegas gosta de se **diverti** muito.

Como era pequena eu andava de bicicleta sozinha as boneca que eu brinca quando eu era pequena dei as criança da minha rua.

Quando **eu** era criança **eu** ia **pra** creche **fui** crescendo **fui** quando **eu** pensei que não eu estava na escola **fui** estudando e hoje **eu** sei que o estudo é bom cada vez que vou estudando mais vontade de **estuda**.”

Na produção do aluno “C” foram encontradas algumas marcas como o apagamento do “r” no final das palavras “brinca(r)”, “joga(r)”, “diverti(r)” e “estuda(r)”, essas supressões ocorrem por influência da fala; abreviação da palavra *para* resultando em “pra”, que é uma abreviação típica da fala; repetições das palavras “fui” em lugar de conjunções que poderiam servir como elementos de ligação, e repetição do pronome “eu” como um recurso de progressão textual, ou seja, um modo de estabelecer a continuidade da narrativa.

- ALUNO D

Tema: “Enquanto eu era criança”

“Enquanto eu era criança, ainda não estudava, ficava em casa **traquinando** e **em vez em quando** me machucava e começava a chorar. Minhas irmãs estudavam **ai** eu ficava **doidinho** para ir para escola também, mas no dia que fui me arrependi e comecei a chorar para voltar para casa, pois não gostei de lá. Mas depois de um tempo fui me acostumando e comecei a gostar da escola as vezes.”

Na produção do aluno “D” encontramos algumas marcas da oralidade, são elas: troca de expressão “de vez em quando” por “em vez em quando”; uso de “ai (aí)” elemento típico da língua oral que estabelece a continuidade da história ou fato narrado; o uso de termos como “traquinando” e “doidinho” proveniente da espontaneidade típica da fala. Interessa considerar que, na escrita, a substituição por outros termos seria “devida”, no caso da palavra “traquinando” poderia ser substituída por “ficava em casa **fazendo travessuras** ou **inquieto**”, já a palavra “doidinho” poderia ser substituída por “eu ficava **ansioso** ou **com muita vontade de ir** para a escola”. A intenção não é imprimir um rigor ou uma convenção formal ao processo de escrita dos alunos, a finalidade é apenas distinguir termos mais típicos da língua

oral e da língua escrita, tendo em vista que as duas modalidades apresentam diferenças relacionadas ao uso de vocábulos também.

- ALUNO E

Tema: “Enquanto eu era criança”

“Quando **eu** era criança, **eu** era muito brincalhão andava de bicicleta, jogava bola, entre outras brincadeiras.

**Eu** tinha o costume de fazer várias amizades muito rápido, **eu** me considerava uma criança muito amável que não tinha maldade

Tambem era muito dedicado aos estudos, meus pais sempre me apoiaram para meus estudo.

Mais também quando era criança **eu** passei pelos alguns problemas, a separação dos meus pais foi um pouco difícil para me no começo, mais depois **eu** me recuperei desse problema, e **essa é a minha História** Quando **eu** era criança.”

Na produção do aluno “E” encontramos a repetição do pronome “eu” geralmente utilizada quando estamos nos comunicando por meio da fala no intuito de dar sequência aos fatos narrados e, no final da história, há a retomada típica da fala: “e essa é a minha história [...]”. A escrita exige uma estruturação diferenciada da fala a fim de “arrumar” melhor as ideias a serem retomadas e concluídas.

- ALUNO F

Tema: “História que minha avó contava”

“Uma historia que **minha avó** contava mim chamou atenção contava de um jovem cangacheiro ferido que batia no seu portão.

Naquele dia **minha vó** estava sozinha em casa e **meu avô** no roçado cortando capim, **minha avó** ouviu um barulho e o cangacheiro José Amirio de Souza Olivia que estava fugindo da policia que tinha ordem de mata-lo e levar a sua cabeça.

A **minha vó** o escolheu e ele contou a sua historia ele e **meu avô** permitiria que ele ficasse ate **melhora** depois 27 dias na casa do meu avo ele partiu e ninguém nunca mais ouviram falar dele.”

Na produção do aluno “F” encontramos repetições das palavras “minha vó” e “meu avô” que poderiam ter sido substituídas por pronomes, substantivos próprios ou outros elementos linguísticos, já que as repetições tendem a empobrecer o texto. Encontramos também o apagamento do “r” no final da palavra “melhora(r)” por influência da fala na qual esse fonema não é pronunciado ou quase não é percebido pelo ouvido.

- ALUNO G

Tema: “Histórias que minha vó contava”

“Todos os domingos eu e minha família vamos ao sítio visitar a minha avó, ele é bem divertida e simpática. sempre ao cair a noite nos se jutavamos ao redor da fogueira e ficávamos contando histórias principalmente a minha avó, ela contava sempre a história em que uma mulher de vestido branco e cabelo arrepiados dos olhos vermelhos ficava pedindo carona na estrada aos que passavam por lá. Eu sempre tive medo das histórias que minha avó contava, mas ela sempre mim falava que era tudo mentira.

Quando chegava a hora de ir embora **eu** ficava muito triste **eu** ficava contando as horas Para chegar a próxima semana **pra** ver minha avó.”

Na produção do aluno “G” encontramos marcas da oralidade como a repetição do pronome “eu” como forma de atribuir o encadeamento à história narrada, recurso do qual fazemos uso quando estamos nos comunicando oralmente, e a abreviação da palavra *para* pela forma “pra” bastante evidente na modalidade oral.

- ALUNO H

Tema: “Em uma tarde de domingo”

“Um garoto estava triste com um acontecimento que ele teve **e** Ele disse mamãe posso jogar bola na areia do rio **e** a mãe dele com muita **delicadesa** disse **muleque** vai te aqueta tem uma pia de lousa para você lavar seu **danado**. mais mamãe, mais nada é **pra** ficar bem calado seu **merda** **e** ele se trancou no quarto **e** começou a chorar **e** disser que droga de vida todo dia a mesma coisa vai para a escola volta lava lousa **enchuga** lousa e empouco tempo os colegas dele passaram **e** ele não foi.”

Na produção do aluno “H” encontramos a repetição da conjunção “e” como forma de dar sequência aos fatos narrados, atribuindo o encadeamento à história, o uso do termo popular “danado” e o palavrão “merda”, marcas mais comumente utilizadas na fala informal. Os desvios ortográficos em **muleque (moleque)**, **enchuga (enxuga)**, **delicadesa (delicadeza)** podem, de certo modo, ter sido provocados por influência de fatores relacionados à língua oral que dizem respeito à proximidade na pronúncia de fonemas “o”, “u” ou em decorrência da pronúncia igual em ch,x; s,z. O que talvez possa ser considerado como uma possibilidade de transferência desses registros para a escrita, em função de um contexto fonológico ou fonético da língua.

As marcas da oralidade mais encontradas nas produções dos alunos foram repetições de palavras, abreviações de palavras que utilizamos na fala, termos populares entre outros elementos típicos da fala.

Notamos outro ponto importante, a maioria dos textos inicia-se com conjunção (quando, enquanto) que são características da oralidade no momento em que se conta algum fato, na escrita, deve-se evitar iniciar o texto com conjunções.

#### 4.2 PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

- ALUNO A

Tema: “Enquanto eu era criança”

“Na década de 90 em um passado muito bem vivido lá estava eu, uma menina sonhadora e como qualquer outra criança adorava brincar, mais tinha **porém**, uma **coisa** que me apavorava e que me deixou na recuperação na alfabetização.

Em uma manhã de terça-feira cedinho, no colégio do meu bairro como todos os dias as crianças da redondeza iam ao encontro da sua “tia” e para meu azar foi passada uma **tarefinha** que seria o seguinte, criar uma **historinha** mais conhecida como narrativa. Isso seria muito divertido para alguns colegas, mas pra mim não. Minha querida tia deu até o fim da aula para entregar, o que foi uma lástima porque eu não sabia fazer. Como eu acreditava no companheirismo do meu **amiguinho malandro** Lucas, acabei pedindo sua humilde ajuda e que pela inocência não era nada bem. Esse **parceirinho** me colocou em uma enrascada, ensinou que colocando o nome dos garotos e garotas da turma de tarde que estavam na parede eu faria uma boa **historinha**, e foi assim mesmo que fiz e que fiquei em recuperação.

Hoje, quero mandar um salve para o querido Lucas, pois graças a seu gesto de pilantragem e a esse grande golpe que me deu, é que consegui fazer essa narração. Alô **garotinho** do meu bairro, aquele abraço!”

Na produção do aluno “A” encontramos marcas da oralidade: o uso da conjunção “porém” antecedida pelo artigo “um” (um porém) em substituição a um substantivo, a algo que aconteceu, uso típico em situações de fala; o mesmo acontece com a palavra “coisa”, nome genérico que utilizamos na fala quando a memória falha e não lembramos o fato ou o objeto a ser designado. Na escrita, o uso de palavras com sentido genérico pode comprometer a interpretação do texto. É possível observar ainda o uso do diminutivo em abundância nas palavras (**tarefinha, historinha, garotinho, parceirinho, amiguinho**) que pode resultar numa tentativa de ironizar fatos relatados no discurso, recurso mais típico da fala. O uso do termo *malandro* caracterizando “amiguinho” também enfatiza a ironia, sendo um elemento de uso da fala informal, livre, descontraída.

- ALUNO B

Tema: “Em uma tarde de domingo”

“Em novembro de 2012 , reunimos em uma tarde de domingo eu e minhas amigas, Tainá, Luana e Mônica para passear e tomar sorvete para conversarmos melhor, mais Tainá nunca queria ir tomar sorvete, e fugiu para namorar, namorado no qual a mãe dela o proibia, em seguida chegou uma paixão da minha amiga Mônica, o baixinho Tássio, **daí** Luana como bem atrevida ficou com Tássio e ficou o conflito entre as duas, eu tentando acalmar as duas e Tainá bem longe namorando.

Em algumas horas adiante quando tudo parecia tranqüilo chamei Luana e Mônica para comer os frutos da árvore que tinha mais perto, mas Mônica lembrou o que Luana fez com ela e se irritou de novo e falou:

Mônica: Luana, isso não é coisa que se faça com sua prima que **coisa** feia.

Luana: **Ow** Mônica deixa de **besteira**, esquece isso.

E tudo ficou normal novamente, enfim resolvemos tomar o sorvete, quando liga a mãe de Tainá desesperada atrás dela , e foi aquele desespero, todas correndo atrás de Tainá para a mãe dela não **pegar** ela namorando e bater nela, logo chega Tainá correndo, tinha se salvado da mãe, acabou a tarde e como de costume acabamos sem fazer o principal objetivo da tarde, tomar o sorvete em paz como meninas civilizadas.”

Na produção do aluno “B” encontramos elementos mais típicos da fala como a palavra “daí” que estabelece a continuidade do texto; outra marca é a palavra “ow”, elemento utilizado na escrita para traduzir um sentimento de lamentação da fala; a palavra “besteira” que é um termo popular utilizado na fala, e a palavra “pegar”, que poderia, talvez, ser substituída pelo emprego do termo *surpreender*, adequando-se melhor ao contexto escrito.

- ALUNO C

Tema: “Enquanto eu era criança”

“Quando eu tinha 7 anos, morava no sítio, era uma criança muito inquieta. Adorava brincar com os bichos, andar de bicicleta, e também criava uma coelha que se chamava Catarina, mais eu gostava mesmo de mecher com os perus.

Um certo dia de tardezinha, minha mãe pediu pra mim ir colocar milho **pras** galinhas e entre elas tinha uma perua com alguns filhotes, aqueles bichinhos pequenos mim chamava atenção, eram bonitinhos resolvi pegar um, mas a perua não gostou muito, saindo desesperada em busca de seu filhote, para defende-lo achando achando que ia machuca-lo ela mim deu uma pequena carreira.

Por fim tenho trauma até hoje de peru, nem no Natal quero converça com ele.”



Na produção do aluno “C” foi encontrada a abreviação da palavra “pras”, um termo muito utilizado na espontaneidade da fala, o qual, na escrita, seria grafado “para as”.

- ALUNO D

Tema: “Enquanto eu era criança”

“- Na minha infância eu era **uma criança** alegre, feliz que se entrozava com qualquer pessoa. **Uma criança** que brincava muito.

- **Uma criança** feliz que conviveu muito com a família, **eu** gostava muito de ganhar presente quando **eu** não ganhava **eu** chorava muito, **uma criança** que brincava muito na calçada com as outras crianças, amava ter as coisas para brincar.

- **Eu** era uma menina muito mimada pela a família, muito amada pelos meus familiares e algumas pessoas, **eu** tive muitos aniversários e ganhava muitos brinquedos, e tirava também muitas fotos como gosto até hoje.

- **Eu** era uma criança alegre, feliz, que teve uma infância muito boa, **eu** tinha tudo que queria, e tinha as pessoas que queria ter por perto.”

Na produção do aluno “D” encontramos várias repetições das construções “uma criança”; do pronome “eu” e, da conjunção “e”. As repetições da conjunção “e” são uma recorrência do uso oral como forma de dar sequência ao episódio sem perder o foco e o interesse do ouvinte. Provavelmente, a redundância no uso da construção “uma criança” tenha o intuito de enfatizar a protagonista da história, mantendo o enredo voltado para ela. O uso repetido do pronome “eu” promove o encadeamento entre as ideias e, conseqüentemente, a progressão do texto, sendo recursos utilizados na fala.

- ALUNO E

Tema: “Quando eu era criança”

“Era uma vez numa tarde de domingo eu e minha prima fomos para o rio então ficamos numa cachoeira conversamos tomamos banho, de rio, tiramos fotos foi um dia inesquecível assim foi passando o tempo e **ai** um homem bem diferente, com trajos feios veio até nos e perguntou:

- Que são vocês?

- Somos daqui de São João do Cariri eu e minha prima.

- E você é de onde?

- Sou de Pernambuco, e vim ficar aqui por uns tempos.

- **Ta** certo, vamos embora?

Eu e minha prima fomos embora quando chegamos em casa falei a minha vó, e depois eu soube que era fugitivo, então fiquei com medo eu não fui mais la no rio sem outra pessoa.”

Na produção do aluno “E” encontramos marcas da língua oral como na palavra “ai(ai)” a qual poderia ter sido substituída por conjunção (“assim”, “então” ou expressões equivalentes, até mesmo advérbios “de repente”). Convém salientar que sempre recorremos a este elemento, na fala, para darmos sequência à história. Outra marca é a palavra “ta”(tá), uma abreviação da palavra *está*.”Na fala, recorremos à abreviação como forma de economia no uso de termos linguísticos e, a fim de agilizar o discurso.

- ALUNO F

Tema: “Em uma tarde de domingo”

“Era uma vez, em uma linda tarde de domingo, uma criança muito esperta chamada Paula que morava na fazenda e gostava de animais.

Junto com suas **amigas** Ana e Maria foram andar a cavalos, quando chegaram lá Ana não quis andar pois tinha medo, mas suas **amigas** Paula e Maria foram cavalgar e Ana ficou olhando as **amigas**

E foi assim que terminou mais um dia das três **amigas** com uma bela tarde de domingo.”

Na produção do aluno “F” encontramos repetições da palavra “amigas”, na escrita seria mais interessante fazer uso de sinônimos a fim de retomar a palavra “amigas” ou reiterar por meio de pronomes. A repetição de palavras pode ser justificada como ausência de um vocabulário amplo, falta de argumentos, de ideias ou, ainda, devido grau informal que pode estar presente em situações íntimas de fala e acaba sendo transferido para o processo de escrita por influência. Convém lembrar que a modalidade falada apresenta o grau formal também dependendo da situação de comunicação.

- ALUNO G

Tema: “Em uma tarde de domingo”

“Em uma tarde de domingo ocorreu um fato **onde** fiquei impressionado, num jogo que é feito todos os anos por amigos no cariri paraibano, aconteceu um tiroteio na torcida, já era finalzinho do segundo tempo quando os torcedores se revoltaram com o juiz que não apitava o jogo corretamente, e com isso acarretou um episódio lamentável, **onde** poderia ter várias vítimas. Mas os jogadores que atuavam na partida, assustava com tamanha marginalidade, chamaram a polícia e assim que chegaram houve troca de tiros, teve policial baleado, maginal morto, outras presas e a maioria conseguiu fugir, depois de tudo isso os dois times ainda conseguiram se divertir, comemorando a partida disputada, já que era um jogo amistoso.”

Na produção do aluno “G” encontramos marcas da oralidade no uso da palavra “onde”, considerando que há uma tendência na fala em se usar “onde”, que remete a lugar, em

substituição a outros elementos linguísticos, e esse uso acaba sendo transferido também para a escrita. Resta considerar que esse emprego não pode ser justificado apenas como característica da espontaneidade que envolve o ato de fala, mas também pela falta de conhecimento sobre o uso das classes de palavras (advérbios, artigos, conjunções, pronomes, preposições) com seus respectivos significados e sentidos.

- ALUNO H

Tema: “Em uma tarde de domingo”

“Em uma tarde de domingo nunha vaquejada no parque Geraldo dantas - São João do Cariri, onde haveria festa de gado, com aproximadamente Quientos vaqueiros, e ao começo a corrida as 9:30 do dia acontece um acidente o vaqueiro que corria como puxador ele teria problema de coração e não poderia está colocando força e ao corre vaquejada ele foi puxar o boi e sentiu uma dor enorme e colocou a sua mão no seu peito direito e foi ariando de cima do cavalo e quando ele caiu, todos os vaqueiros pularam a cerca e chegaram perto do vaqueiro ele taria todo mijado e começou a **fica** roxo e ficou dando seus últimos suspiros, pois teria **dado** um enfarte, mas mesmo assim vaqueiros presente pegaram eles nos braços e coreram atravessando um rio que no dia no momento **taria** passando Água e os carro **taria** do outro lado, e ao caminho do Hospital ele chegou a óbito.”

Na produção do aluno “H” encontramos a repetição da conjunção “e” como elemento de ligação entre as ideias, outra marca encontrada nessa produção foi o apagamento do “r” no final da palavra “fica(r)”. Constatamos ainda que o aluno produziu todo o texto estruturado em apenas um parágrafo longo, sem início de períodos com maiúsculas, provavelmente, por influência da rapidez utilizada no ato da fala por meio do qual o episódio é contado como um todo, sem separação de partes ou fatos. Percebemos ainda o uso da abreviação “taria”, em dois momentos da narrativa, sendo relativo ao uso de *estaria* e *estariam*, respectivamente, pelo contexto da narrativa. Por último, observamos o emprego da palavra “dado” em “pois teria **dado** um enfarte” em substituição a “*sofrido* um enfarte”. Talvez, o emprego desse termo seja próprio da fala coloquial com menos elaboração formal e rigor na seleção de termos.

As marcas da oralidade mais encontradas nas produções dos alunos foram repetições de elementos linguísticos como pronomes, conjunções, substantivos; abreviações de palavras que utilizamos na fala; apagamentos de letras no final das palavras por influência da pronúncia; presença de termos populares, entre outros elementos típicos da fala.

A análise das produções textuais dos alunos possibilitou a investigação de vários tipos de marcas da oralidade transpostas para a modalidade escrita da língua. Muitas marcas

encontradas relacionam-se com algumas características do gênero narrativo, dentre estas podemos citar a espontaneidade. Os alunos, à medida que iam narrando suas histórias faziam uso, na escrita, de palavras que utilizavam no dia a dia em situações de fala.

Podemos comparar também as marcas encontradas nos textos com as características da fala e da escrita mostradas no quadro 1 (cf. quadro, p. 21). Uma das características da fala informal é que esta não é planejada e pouco elaborada, enquanto a escrita é planejada e elaborada. Desse modo, muitas vezes, ao nos expressarmos através da fala não nos importamos em planejá-la, tão pouco em elaborá-la e, como os limites são tênues entre contar um fato, episódio por meio do ato de fala ou narrar um fato, episódio por meio da modalidade escrita da língua é possível justificarmos o fenômeno da transferência de elementos do código oral para o código escrito.

Comparando as produções de textos dos alunos do 9º ano com as dos alunos do 3º ano encontramos uma maior recorrência de marcas da oralidade nas produções dos alunos do 9º ano. O que pode significar que o grau de escolaridade interfere no processo de transferência de elementos da fala para a escrita, bem como no uso das duas modalidades da língua com suas particularidades e diferenças. De modo geral, em ambas as turmas as marcas mais encontradas foram repetições de algumas palavras, de conjunções, de pronomes, abreviações de palavras, apagamento de letras em final de vocábulos, uso de termo popular, gírias, entre outras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi desenvolvido em etapas que contemplaram a pesquisa de campo na escola com observações em sala de aula; a aplicação de questionários para os professores e alunos; a proposição de atividades ligadas aos gêneros narrativos, destacando as características, os tipos de narração, a fim de observar o registro de elementos da fala na modalidade escrita, tendo em vista que as características estruturais do gênero o tornam mais suscetível ao aparecimento das marcas da oralidade e, por último, a análise dos textos produzidos pelos alunos do 3º. ano do Ensino Médio e do 9º. ano do Ensino Fundamental. Nessa análise foram investigadas e/ou destacadas as marcas da oralidade presentes nesses textos. As turmas referidas acima integram o corpo discente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, situada na cidade de São João do Cariri - PB.

Nesta direção, as produções textuais realizadas pelos alunos enfocando o gênero narrativo possibilitaram claramente a investigação de marcas da oralidade, evidenciando como a língua oral influencia a língua escrita, o que leva os alunos a imprimirem na escrita traços da oralidade, transpondo elementos da fala para o código escrito. Obviamente que não podemos desconsiderar o fato de que nos comunicamos por meio das duas modalidades falada ou escrita em seus graus de formalidade ou informalidade e, ainda, que nenhuma modalidade é mais importante ou menos importante em relação a outra. A fala e a escrita são sistemas linguísticos diferentes, mas que têm o mesmo objetivo, porque veiculam a comunicação, ambas são dialógicas, dinâmicas e interativas.

Com isso, caberá à escola, em particular ao ensino de língua, tornar o aluno apto ao uso das duas modalidades da língua em detrimento de um contexto específico de comunicação. É dever do professor, nas aulas de língua portuguesa, proporcionar momentos de fala, de escrita, de leitura e de escuta, levando os alunos à aquisição das competências linguísticas básicas.

É possível considerar que começamos a ampliar a nossa competência oral quando ingressamos na escola, já que entramos em contato com as variedades linguísticas, com a norma padrão da língua, com a escrita e a leitura. Sabemos que a criança já chega à escola dominando a fala, a partir disso cabe ao professor “aperfeiçoá-la” e trabalhar o código escrito de modo que os alunos exercitem a escrita, não através de transcrições da fala e, sim, por meio do exercício constante de atividades de produção textual e reescrita de textos.

Convém ressaltar que a escrita não é mera transcrição da oralidade, ou seja, é um processo complexo que envolve um conjunto de procedimentos, de mecanismos, de recursos gramaticais e linguísticos disponibilizados pela língua. Infelizmente, percebe-se como os alunos ainda não conseguem separar a fala da escrita, e, com isso, acabam escrevendo do mesmo modo que falam, esse fator ocorre, muitas vezes, por falta de domínio das habilidades essenciais à modalidade escrita ou, ainda, pela falta de conhecimento acerca das possibilidades de variação da língua em detrimento de um contexto de uso efetivo.

Esperamos, ao longo do trabalho, ter fornecido uma breve análise de aspectos relacionados à fala, à escrita, destacando as características, as diferenças e semelhanças entre as duas modalidades da língua, bem como ter sugerido uma proposta de trabalho com os gêneros narrativos no contexto escolar, além de conscientizar o professor sobre o fenômeno de transferência de marcas da oralidade para o código escrito.

Importa considerar que o processo de transferência de elementos da fala para a escrita, visto, em alguns casos, como um processo natural, ou justificado por influência de aspectos relacionados à pronúncia, ou, ainda, ligado a características próprias do discurso oral precisa ser trabalhado com os alunos, a fim de que compreendam as particularidades do código oral e escrito em suas dimensões formal e informal, adquirindo o domínio das modalidades da língua.

Resta acrescentar que o uso de abreviações de palavras, repetições de elementos linguísticos como conjunções, pronomes, uso de palavras do domínio popular, gíria e, até mesmo palavrão, nos textos escritos, serve para que o professor estabeleça considerações acerca das possibilidades de uso de vocábulos em determinados contextos de comunicação, sem preconceito ou censura a elementos da língua, mas como forma de adequação do discurso em detrimento de uma situação específica de comunicação.

## REFERÊNCIAS

ALAMINOS, Francesca; GERCHUNOFF, Eduardo. (orgs.). **HELP! Sistema de consulta interativa:** língua portuguesa. São Paulo: Klick, 1995.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Lutar com palavras:** coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & mudança:** a escrita. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização & linguística.** São Paulo: Scipione, 2009.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 1998.

BAGNO, Marcos. GAGNÉ, Gilles. STUBBS, Michael. (org.) **Língua Materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes. ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira. AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. (org.) **Oralidade e escrita:** perspectiva para o ensino de língua materna. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita:** Uma perspectiva psicolinguística. In: José Luiz Fiorin. 6. ed. revista e atualizada, São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever:** estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (org.) **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2001.

SAVIOLI, Francisco Platão. FIORIN, José Luiz. **Lições de texto:** leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, Maria Emilia Barcellos da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: José Carlos de Azeredo. (org.) **Língua Portuguesa em debate:** conhecimento e ensino. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

## **APÊNDICE A – Fotos**





Foto 1 – Observação em sala de aula  
Acervo: Joshenilda Oliveira



Foto 2 – Observação em sala de aula  
Acervo: Joshenilda Oliveira



Foto 3 – Aplicação do questionário  
Acervo: Joshenilda Oliveira



Foto 4 – Aplicação do questionário  
Acervo: Joshenilda Oliveira



Foto 5 – Produção Textual  
Acervo: Joshenilda Oliveira



Foto 6 – Produção Textual  
Acervo: Joshenilda Oliveira

## **APÊNDICE B – Questionário do Professor**

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
 Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
 Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
 Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Professor

Ano que leciona: 9º e 3º

1- Você costuma reservar um espaço nas aulas de Língua Portuguesa para a produção textual?

Sempre    ( ) Raramente    ( ) Às vezes

2- Em sua opinião como está o processo de desenvolvimento dos alunos em relação à produção de textos? Quais as dificuldades apresentadas?

O desenvolvimento do aluno quanto à produção textual vem crescendo satisfatoriamente, como dificuldades encontramos, produzem espontaneamente leitura e escrita de igual modo, bem como falta de embasamento nos níveis anteriores.

3- Você acha que os alunos já trouxeram dos anos anteriores habilidades para a construção de textos?

( ) Sim     Não

4- De acordo com a resposta anterior, comente como você conduziu o processo de produção de textos e/ou retomou ou deu continuidade ao processo de aprendizagem das habilidades de leitura e escrita? Quais as suas estratégias, metodologias, atividades etc. em sala de aula?

Foi buscado tentar reduzir as deficiências através de apresentações de textos para mostrar a bagagem de leitura, logo após discussões de leitura e posteriormente a produção e reescrita.

5- Você costuma trabalhar produções de textos narrativos com os alunos? De que forma?

Nas séries do fundamental a crônica  
 foi privilegiada, e no ensino médio os  
 textos argumentativos em geral.

6- Quais os tipos de gêneros que você mais costuma trabalhar em sala de aula:

Crônica, conto, artigo de opinião, conto  
 argumentativo e texto opinativos em geral.

7- Nas análises (revisões, correções) feitas nos textos produzidos por seus  
 alunos é frequente encontrar marcas da oralidade na escrita? Comente um  
 pouco a respeito?

Sim, a marca da oralidade é bem  
 marcante nas produções textuais, prin-  
 cipalmente nas séries do fundamental, com  
 a percepção da falta presença da internet

8- Qual a importância das atividades de leitura e produção textual nas aulas de  
 Língua Portuguesa?

A importância se estende desde o desen-  
 volvimento da habilidade de escrita, bem  
 como leitura a formação de uma postura  
 mais crítica perante a sociedade.

## **APÊNDICE C – Questionário dos Alunos do 9º Ano**

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
 Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
 Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
 Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 9º A

1-Sexo:

( ) Feminino     Masculino

2- Qual é sua idade? 15

3- Você gosta de produzir textos?

( ) Sim     Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

( ) Sempre    ( ) Raramente     Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

Português                       Geografia                      ( ) Outra(s)

( ) Matemática                       História

( ) Artes                              ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

um texto que tem uma  
pessoa fazendo a fala das  
personagens ou o que eles lá  
tão fazendo



7-Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

eu falo por que eu gosto de falar e escutar

8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- ( ) Crônica  
 ( ) Argumentação  
 ( ) Narração  
 ( ) Descrição  
 Outro(s) gênero(s)  
 ( ) Livre (de sua própria escolha)

9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

~~o meu português~~ a caligrafia

10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

por que eu me importo mais com a minha escrita, e as aulas estão legais



Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 9º ano (A)

1-Sexo:

Feminino    ( ) Masculino

2- Qual é sua idade? 13 anos

3- Você gosta de produzir textos?

Sim    ( ) Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

( ) Sempre    ( ) Raramente     Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

Português                       Geografia                       Outra(s)

( ) Matemática                       História

( ) Artes                              ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

que conta uma história, noticia ou conta  
uma pessoa falando fato por fato ocorrido  
na história, narrando a história.

- 7- Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

oral, porque a pessoa escreve melhor a história ou de se expressar.

- 8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- Crônica  
 Argumentação  
 Narração  
 Descrição  
 Outro(s) gênero(s)  
 Livre (de sua própria escolha)

- 9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

na repetição das palavras / por ex: proferir muitas palavras iguais.

- 10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

é importante, gostaria que fosse mais divertida as pessoas discutindo a história narrando-as por ~~de~~ as pessoas da mesa.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 2º ANO

1-Sexo:

( ) Feminino     Masculino

2- Qual é sua idade?

3- Você gosta de produzir textos?

Sim    ( ) Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

( ) Sempre    ( ) Raramente     Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

( ) Português     Geografia    ( ) Outra(s)

( ) Matemática    ( ) História

Artes    ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

Para mim texto narrativo é o texto  
que narra, uma história

7- Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

Através da escrita, porque a pessoa tem mais tempo de lembrar e pensar com facilidade.

8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- ( ) Crônica  
 ( ) Argumentação  
 Narração  
 ( ) Descrição  
 ( ) Outro(s) gênero(s)  
 ( ) Livre (de sua própria escolha)

9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

a dificuldade que eu tenho é que eu refletir muito as frases no texto.

10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

A pessoa aprende mais a desenvolver a mente. Aumentando o trabalho por escrito.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 9<sup>o</sup>A

1-Sexo:

( ) Feminino      (X) Masculino

2- Qual é sua idade?

19 ANOS

3- Você gosta de produzir textos?

(X) Sim      ( ) Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

( ) Sempre      (X) Raramente      ( ) Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

( ) Português      (X) Geografia      ( ) Outra(s)  
( ) Matemática      (X) História  
( ) Artes      ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

É o texto que narra, conta algum conto ou história.

- 7-Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

*Abraçar da escrita por que você pode ler quando quiser*

- 8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- ( ) Crônica  
( ) Argumentação  
 Narração  
( ) Descrição  
( ) Outro(s) gênero(s)  
( ) Livre (de sua própria escolha)

- 9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

*Escrita e avaliação.*

- 10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

*São muito importantes para ensinar a escrever. É parte não de suas histórias.*

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
 Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
 Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
 Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 9º Ano "A"

1-Sexo:

Feminino      ( ) Masculino

2- Qual é sua idade?

13 anos

3- Você gosta de produzir textos?

Sim      ( ) Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

( ) Sempre      ( ) Raramente       Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

Português       Geografia       Outra(s)

( ) Matemática       História

( ) Artes      ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

Para mim, texto narrativo é quando uma pessoa narra uma história, mas nem sempre quem narra participa da história.



7-Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

Escutando, por que não sou muito de falar  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- Crônica  
 Argumentação  
 Narração  
 Descrição  
 Outro(s) gênero(s)  
 Livre (de sua própria escolha)

9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

na repetição eacentuação de palavras.  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

10-Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

Acho importante por que futuramente pode ser a profissão de algum de nós. Eu gostaria que as aulas de produção textual fosse mais discutidas com debates...  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_



## **APÊNDICE D – Questionário dos Alunos do 3º Ano**

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 2013

1-Sexo:

Feminino    ( ) Masculino

2- Qual é sua idade?

19 anos

3- Você gosta de produzir textos?

( ) Sim     Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

Sempre    ( ) Raramente    ( ) Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

Português     Geografia    ( ) Outra(s)

( ) Matemática     História

( ) Artes    ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

É quando uma palavra narra uma história.

---

---

---

7-Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

gosto mais quando a pessoa está  
explicando que mim interessa mais.

8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

Crônica

Argumentação

Narração

Descrição

Outro(s) gênero(s)

Livre (de sua própria escolha)

9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

Concentrar dificuldades quando o texto  
é difícil e não entendo os temas ditos.

10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

É bom para nossa aprendizagem, que por-  
se mais fácil para mim entender e os  
professores interagirem mais.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
 Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
 Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
 Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 3º ano médio

1-Sexo:

Feminino     Masculino

2- Qual é sua idade?

13 anos

3- Você gosta de produzir textos?

Sim     Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

Sempre     Raramente     Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

Português     Geografia     Outra(s)

Matemática     História

Artes     Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

Um texto onde o escritor tem um papel de nar-  
 rar a história que já aconteceu ou está acon-  
 tecendo e o narrador pode ter ou não ter parti-  
 cipado da ação.

- 7- Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

*De falar, pois pela fala se expressa e mais fácil e não tem tantos regras para se seguir.*

- 8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- ( ) Crônica  
 (x) Argumentação  
 (x) Narração  
 (x) Descrição  
 ( ) Outro(s) gênero(s)  
 (x) Livre (de sua própria escolha)

- 9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

*Segue todos os regras textuais.*

- 10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

*Muito importante, pois faz crescer minha escrita, onde eu me expresso por textos, com temas mais variados.*

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 3º ano

1-Sexo:

Feminino      ( ) Masculino

2- Qual é sua idade?

36 anos

3- Você gosta de produzir textos?

Sim      ( ) Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

Sempre      ( ) Raramente      ( ) Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos:

Português       Geografia       Outra(s)

( ) Matemática      ( ) História

( ) Artes      ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

É um texto que mostra determinado(s) acontecimento(s).

7-Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

Da escrita, pois, na minha opinião a leitura abre mais a criatividade do leitor.

8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- ( ) Crônica  
(X) Argumentação  
(x) Narração  
( ) Descrição  
( ) Outro(s) gênero(s)  
( ) Livre (de sua própria escolha)

9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

Nenhuma.

10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

É importante pois temos que ter uma preparação grande para o vestibular.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
 Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
 Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
 Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 3º A

1-Sexo:

Feminino      ( ) Masculino

2- Qual é sua idade?

14 anos

3- Você gosta de produzir textos?

Sim      ( ) Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

Sempre      ( ) Raramente      ( ) Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

Português      ( ) Geografia      ( ) Outra(s)

( ) Matemática      ( ) História

( ) Artes      ( ) Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

narra uma história.

---



---



---



7- Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

na escrita, pois tem mais tempo para pensar e rular o que está escrito.

8- Assinale abaixo qual/quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- ( ) Crônica  
 (X) Argumentação  
 ( ) Narração  
 ( ) Descrição  
 ( ) Outro(s) gênero(s)  
 ( ) Livre (de sua própria escolha)

9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

o desmembramento e o que mais complica.

10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

Tem a plena importância para o futuro do mundo. Aulas de produção textual é bastante produtiva, do jeito que qualquer pessoa deseja.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA  
Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC  
Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário do Aluno

Ano: 3º ano A

1-Sexo:

Feminino    ( ) Masculino

2- Qual é sua idade?

17 anos

3- Você gosta de produzir textos?

( ) Sim     Não

4-Você costuma fazer produções textuais em sala de aula?

( ) Sempre    ( ) Raramente     Às vezes

5-Assinale abaixo em qual/quais disciplina(s) que você costuma construir textos.

Português                       Geografia                      ( ) Outra(s)

( ) Matemática                       História

( ) Artes                               Ciências

6-O que significa texto narrativo para você?

narar algum fato que aconteceu...

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

- 7-Sabendo que um texto narrativo é a narração de uma história, que tipo de modalidade você prefere para isso: através da fala ou da escrita. Justifique sua resposta?

de fala, porque ~~eu~~ entendo melhor, tenho dificuldades de interpretar um texto.

- 8- Assinale abaixo qual/ quais os tipos de gêneros textuais de que/dos quais você gosta mais quando a atividade é produção de textos:

- ( ) Crônica  
 ( ) Argumentação  
 ( ) Narração  
 ( ) Descrição  
 ( ) Outro(s) gênero(s)  
 (X) Livre (de sua própria escolha)

- 9- Quais são as dificuldades que você encontra para produzir um texto?

Todos... tenho dificuldade em tudo, não consigo produzir um texto

- 10- Qual a importância que as produções textuais têm para você? E como você gostaria que fossem as aulas de Produção Textual?

Tem uma grande importância, que fosse uma aula que me interessasse mais e produzisse textos...

## **ANEXO A – Produções textuais dos alunos do 9º Ano**

Mano Alf da Silva  
Nº 22º

\* Enquanto eu era Criança \*

Quando eu era Criança eu gostava muito de andar de bicicleta, brincar de bola, bolinha de gude imitar os personagens de desenho animado gostava de fazer flocos de papel e eu gostava de brincar de luta com os meninos da escola quase sempre eu colocava eles pra chorar, eu era muito brincalhão eu gostava de me divertir mais com ~~os~~ amigos televisão e dia todo, eu nunca gostei de estudar eu só queria brincar e curtir a vida eu era um moleque muito risonho eu brigava, brincava, chorava e bagunçava muito na escola.

## Redação

Aluna: Maria Isabel Rodrigues Lima.

Série: 9º Ano A

### "História que meu avô contou".

Em plena manhã que eu estava sem fazer nada, fui ao quarto do meu avô, quando senti na cama comecei a perguntar o que ele gostava de fazer quando jovem? e ele simplesmente respondeu que na infância dele é totalmente diferente de hoje em dia, naquela época ele não tinha tempo para brincar pois ele trabalhava muito e não era fácil, era trabalho de roçado que pegava em imçada e plantava e colhia alimentos.

Um certo dia ele decidiu servir ao exército participou da 2ª guerra mundial, ele conta que passou muita fome e sede, mais mesmo assim enfrentou, se passava por morto enquanto era tiro pra lá e tiro pra cá.

Aluno: moria da combinação da Silva  
Professor: Sultônio de Farias matias.  
9º Ano A:

### Enquanto eu era criança

Quando eu era pequena eu gostava muito de brincar de boneca de comidinha jogar bola com as meninas da minha rua. hoje eu mora na sítio a mais de oito anos eu gosto de brincar com os amigos com os colegas gosta de se divertir muito. como era pequena eu andava de bicicleta sozinha as boneca que eu brinca quando eu era pequena dei as crianças da minha rua.

quando eu era criança eu ia pra igreja fui crescendo fui quando eu pensei que não eu estava na escola fui estudando e hoje eu sei que o estudo é bom cada vez que vou estudando mais vontade de estudar.



"Enquanto eu era criança".

Enquanto eu era criança, ainda não estudava, ficava em casa traquinando e em vez em quando me machucava e começava a chorar. Minhas irmãs estudavam aí eu ficava desdinho para ir para escola também, mas no dia que fui me adepdi e comecei a chorar para voltar para casa, pois não gostei de lá. Mas depois de um tempo fui min acostumada e comecei a gostar da escola as vezes

Bernard  
de

Morais

Bernardo



\* Enquanto eu era criança

Quando eu era criança, eu era muito brincalhão andava de Bixidita, jogava bola, entre outras brincadeiras.

eu tinha o costume de fazer vários amigos muito rápido, eu me lembrava uma criança muito amável que no Tinha maldade

Também era muito dedicado aos estudos, meu pai sempre me ajudava com para meus estudos.

mais Também Quando era criança eu fiz alguns problemas, a reparação dos meus pais foi um pouco difícil para mim no começo, mais depois eu me recuperei desse problema, e era a mesma História Quando era criança.


Aluno: FLAVIANO S de A

Uma história que minha vó contava me chamou atenção  
 contava de um homem conhecido ficando que batia  
 no seu portão.

Naquele dia minha vó estava cozinhando em casa e meu  
 avô no ~~quarto~~ quarto tocando violão, minha avó enviou  
 um beicinho e o conhecido para Américo de Sousa Oliveira que  
 estava fugindo da polícia que tinha ordem de mata-lo e  
 levar a sua esposa.

A minha vó o conheceu e ele contou a sua história e  
 a meu avô permitiu que ele ficasse até melhorar depois  
 27 dias na casa do meu avô ele partiu e ninguém nunca  
 mais ouviu falar dele.

Meu Avô Antônio Soares Pereira


 Maria Lezíria Ribeiro

## HISTÓRIAS que minha Vó CONTAVA

Todos os domingos eu e minha família vamos ao sítio visitar a minha avó, ela é bem divertida e simpática. Sempre ao cair a noite nós se juntávamos ao redor da fogueira, e ficávamos contando histórias. Principalmente a minha avó, ela contava sempre a história em que uma mulher de vestido branco e cabelos arrastados do alto sumetter ficou perdendo coragem no estrada ao que passavam por lá. Eu sempre tive medo das histórias que minha avó contava, mas ela sempre dizia palavra que era tudo mentira. Quando chegava a hora de ir embora eu ficava muito triste se ficava contando as horas para chegar a próxima semana pra ver minha avó.

## THOMAS BATISTA DA SILVA

Em uma tarde de domingo um garoto estava triste com um acontecimento que ele teve. Ele disse mamãe posso jogar bola na rua do meu pai e a mãe dele com muita delicadeza disse meu filho vai te apuneta tem um pai de lousa para você lá na sua casa. mais mãe não, mais nada e pra ficar bem calado seu merda e ele se trançou no quarto e começou a chorar e disse que joga de vôlei todo o dia a mesma coisa vai para a escola volta lá e essa mercha lousa e intencional. Tanto que os colegas dele passaram e ele não foi.

## **ANEXO B – Produções textuais dos alunos do 3º Ano**

Rua de Morais Bernardo nº 18

3º - A

13/08/2013

### Gratuito ou uma omeiga

Na década de 90 um um passado muito bem vivido lá estava eu, uma menina sonhadora e como qualquer outra omeiga adorava dançar, mas tinha um porém, uma coisa que me apartava e que me deixou um recuperação na alfabetização.

Em uma manhã de terça-feira cedo, no colégio do meu bairro como todos os dias as omeigas da ~~seudondeza~~ iam ao encontro de sua "tia" e para meu azar foi passada uma faxupinha que seria o seguinte, ouve uma historinha mais conhecida como maracatuna. Isso teria muito destaque para alguns colegas, mas ~~para~~ para mim não. Minha querida tia deu até o fim da aula para entregar, o que foi uma lastima porque eu não sabia fazer. Como eu acuditaria no companheirismo do meu amiguinho malandro Lucas, acabei pedindo sua humilde ajuda e que pela incônia não era nada bom. Esse parceirinho me cobrou um uma verbasada, unsinca que colocando o nome dos garotos e garotas da turma de tarde que estavam na parede eu fazia uma boa historinha, e foi assim mesmo que fiz e que fiz em recuperação.

Hoje, quero mandar um abraço para o querido Lucas, pois graças a seu gesto de solidariedade e a esse grande golpe que me deu, e que consegui fazer essa maracatuna. Ade garotinho do meu bairro, aquele abraço!



Em uma tarde de domingo.

E. E. E. Fundamental e Médio, jornalista José Leal Ramos.

Aluna = Thalita Ramos Cantalves

avulso = 3º A

Em novembro de 2012, reunimos em uma tarde de domingo eu e meus amigos Taimã, Luana e Mônica para possivelmente tomar sorvete para conversarmos melhor, mas Taimã nunca queria ir tomar sorvete, e fugiu para mamar, mamorodo no qual a mãe dela o proibia, em seguida chegou uma paulão da minha amiga Mônica, o baulinho caissio, daí Luana como bem atrevida ficou com o caso e ficou o conflito entre as duas, eu tentando acalmar as duas e Taimã bem longe mamorando.

Em algumas horas adiante quando tudo parecia tranquilo chamei Luana e Mônica para comer os frutos da árvore que tinha mais perto, mas Mônica lembrou o que Luana fez com ela e se irritou de novo e falou:

Mônica = Luana, isso não é coisa que se faça com sua prima que essa feia.

Luana = Oh Mônica devia de besteira, esquece isso. e tudo ficou normal novamente, enfim resolvemos tomar o sorvete, quando ligamos a mãe de Taimã desesperada atrás dela, e foi aquele desespero, todos correndo atrás de Taimã para a mãe dela não pegar ela mamorando e bater nela, logo chega Taimã correndo, tinha se salvado da mãe, acabou a tarde e como de costume acabamos sem fazer o principal objetivo da tarde, tomar o sorvete em paz com nossas civilizações.

Enquanto eu era criança

Quando eu tinha 7 anos, morava no sítio, era uma criança muito inquieta. Adorava brincar com os bichos, andar de bicicleta, e também ouvia uma velha que se chamava Catarina, mais eu gostava mesmo de mecher com os perus.

Um certo dia, de tardinha, minha mãe pediu pra mim ir colocar milho pras galinhas e entre elas tinha uma peru com alguns filhotes, aqueles bichinhos pequenos mim chamava atenção, eram bonitinhos, resolvi pegar um, mas a peru não gostou muito, saindo desesperada em busca de seu filhote, para deixá-lo aonde achando que ia machucá-lo ela mim "deu" uma pequena carreira.

Por isso tenho trauma de hoje de peru, nem no Natal quero "conhecer" com ele.

Danyane Perais.





## Enquanto eu era criança

- Na minha infância eu era uma criança alegre, feliz que se entrozava com qualquer pessoa. Uma criança que brincava muito.

- Uma criança feliz que conviveu muito com a família, eu gostava muito de ganhar presente quando eu não ganhava eu chorava muito, uma criança que brincava muito na calçada com as outras crianças, amava ter as coisas para brincar.

- Eu era uma menina muito mimada pela a família, muito amada pelo os meus familiares e algumas pessoas, eu tive muitos aniversários e ganhava muito brinquedos, e tirava também muitas fotos como goste até hoje.

- Eu era uma criança alegre, feliz que tive uma infância muito boa, eu tinha tudo que queria, e tinha as pessoas que queria ter por perto.

Grazielle Sarcia.

3 = Ant

Itala xox !! :)

Quando eu era criança

Era uma vez numa tarde de domingo eu e minha prima fomos para o rio. Então ficamos numa radiolândia concisamos. Tomamos banho, de rio, tivemos fotos foi um dia inesquecível assim foi passando o tempo e aí um homem bem diferente, com traços finos veio até nos e perguntou:

- Qual são vocês?
- Somos daqui de São João do Rio e minha prima.
- O papá é de onde?
- Sou de Pernambuco, e vim ficar aqui por um tempo.
- Tá certo, vamos embora?

Eu e minha prima fomos embora quando chegamos em casa falei a minha mãe, e depois eu soube que ela fugitivo, então fiquei com medo eu não fui mais lá no rio sem outra pessoa.

## Em uma tarde de Domingo.

Uma vez, em uma linda tarde de domingo, uma criança muito esperta chamada Paula que morava na fazenda e gostava de animais.

Junto com seus amigos Ana e Maria foram andar a cavalo, quando chegaram lá Ana não quis andar pois tinha medo, seus outros amigos Paula e Maria foram cavalgar e Ana ficou com os amigos.

E foi assim que terminou mais um dia dos três amigos com uma bela tarde de domingo.

Aluno: *Comila ~~Martins~~*

## momentos amestados no futebol

Em uma tarde de domingo ocorreu uma  
 zate onde fiquei imprisionado, num jogo que é  
 feito todos os anos por amigos no Cariri porai-  
 bana, aconteceu uma história da torcida, fa na zind-  
 zinho do segundo tempo quando os torcedores se  
 revoltaram com o juiz que não apitava o jogo ~~de-~~  
~~vida~~ corretamente, e com isso ocorreu um episódio  
 lamentável, onde poderia ter várias vítimas, mas os  
 jogadores que estavam na partida, amestados com  
 tamanha marginalidade, chamaram a polícia e a mesma  
 que chegaram houve troca de tiros, teve policial ba-  
 liado, magimel morto sentral presos e a maioria  
 conseguiu fugir, depois de tudo isso os dois times  
 ainda conseguiram se divertir, comemorando a  
 partida disputada, fa que era um jogo amistoso.

Jury Sampaio Enes n.º 13



--	--	--



S/T/Q/Q/S/S/D

### Em uma Tarde de domingo

Em uma Tarde de domingo numha Vaquijada no Parque Cuvaldo dantas - São João do Cauê, onde havia festa de gado, com aproximadamente quinze Vaquijos, e ao começo a corrida as 9:30 do dia aconteceu um acidente o Vaquijo que corria como Puxador ele tinha problema de exação e não podia está colocando força e ao corer Vaquijada ele foi Puxar o Bui e sentiu uma dor muito e colocou a sua mão no seu pite direito e foi andando de cima do cavalo e quando ele caiu, todos Vaquijos pularam a cerca e chegaram perto do Vaquijo ele tinha todo mijado e começou a ficar roxo e ficou dando seus últimos suspiros, pois tinha dado um enfarte, mas mesmo assim Vaquijos lá presente pigaram ele nos braços e correram atravessando um rio que no dia no momento tinha passando água e os corsetaria do outro lado, ao caminho do Hospital ele chegou a obito.